

Ofer 13
-0. NOV. 1998

AVULSO

1.20 ESC.

ANO III—N.º 120

2

SETEMBRO
1943



*Setembro, o das
vindimas, dá-nos
dêstes motivos
durienses cheios
de graça campe-
stre...*

(Foto Alvão)

*Alvão
porto*

**Vida
Mundial**

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidade

AQUI entre Nós



DR. RAMADA
CURT O

Um dramaturgo que sabe sempre oferecer ao público alguma coisa de melhor e diferente, deu-nos agora um novo original: «Madame Solange, vidente», que está a ser representado com êxito no Trindade.



LUIS TEIXEIRA

Um jornalista de larga projecção social e brilho, publicou «Heróis de Ocupação», conferência que proferiu quando da consagração dos heróis de África, e que constitui mais uma prova do seu valor.



ANTÓNIO RUAS

nosso antigo colaborador, regressou há pouco de S. Paulo, onde marcou assinalável lugar como jornalista e escritor. Daqui o cumprimentamos efusivamente.

AGORA que se aproxima o centenário de Eça de Queiroz, há quem interroge:

— Quando e onde nasceu o romancista?

Muito se tem escrito acerca destes dois assuntos e, como tantas vezes acontece, as opiniões divergem. Cremos, porém, que estes problemas—quando e onde nasceu Eça de Queiroz—estão solucionados em face das preciosas provas legais.

Eça nasceu na Póvoa de Varzim—e não em Vila do Conde ou Aveiro—e o seu nascimento teve lugar em novembro de 1845. São factos comprovados. O que temos de perguntar, não apenas aos institutos de cultura, mas a nós próprios, admiradores da obra do autor dos *Maias* e da *Relíquia*, é isto:

— Como se há-de comemorar o centenário do nascimento de Eça de Queiroz?



QUANDO chega o Verão, aumenta gravemente o número de pessoas que, ao tomar banho, morrem afogadas, quer no mar, quer em rios ou poços. Raro é o dia em que os jornais não noticiam um destes casos tristes, em regra devidos à imprudência ou inconsideração. Se é exacto que, na frase de certo psicólogo, a água atrai como todos os espelhos, não é menos exacto que ela cria, com frequência, dolorosas e cruéis amarguras. O velho Marques de Angeja costumava dizer que «de tomar banho, tinha morrido muita gente e de porcaria nunca ninguém morreu»—e, salvo seja, é capaz de ser assim.



CARDOSO Marta, paciente e erudito investigador, dissertava, há dias, com espírito e ciência, acerca de certos nomes ou apelidos que se dão ou se pretendem dar às crianças, ao baptisá-las. Há, realmente, neste capítulo, coisas curiosas. Para não

Inventário & Balanço FLAGRANTES

QUAL será o papel das «bruxas»? Antes de mais nada, sistematizar-se em categorias e cobrar quanto podem, consoante a indumentária dos clientes. Depois, organizar a sua «estratégia», de modo que seja o mais possível limitada a ponta por onde lhes possa pegar a policia que tem por missão impedir quantos tratos e contratos constituem razão de ser, meio de acção e objectivo de tal fauna: o gato e o rato...

* * *

Três dias desta semana última, houve tanto peixe miúdo—carapau e sardinha—que os homens das companhias chegaram a dá-lo dado, a baldes, ao povoiteu que atregou de aparecer. O mar é caprichoso. Ou há tanto peixe que chega para dar e vender, ou há tão pouco que, quando aparece, ganha cotação tal que os da especialidade lhe chamam o «volfrâmio da praia».

* * *

Os relógios atrasaram-se 60 minutos. Por mais costumeira que tenha já de considerar-se a prática de fazer andar para trás e para diante os ponteiros do relógio, há e continuará a haver os que não deixam de sentir nem de proclamar o seu protesto. A vida depende do relógio ou o relógio serve para marcar o ritmo que nós imprimimos à vida? Seja como for, tudo isto chega constantemente para nos exemplificar o carácter irremediavelmente relativo de tudo que nos cerca.

* * *

A policia fêz fechar uma loja da rua do Ouro, onde cautelosamente se tinham camuflado umas tantas sacas de açúcar como se fossem de café. O lojista responsável foi preso e ficou com o encargo de pagar salários ao pessoal como se o negócio não sofresse interrupção. Há emergências em que a punição tem de ser severa para ser exemplar. Vivemos uma dessas emergências; reclama-se justiça pronta, enérgica e serena—para tranquilidade de todos que sabem viver dentro da lei.

* * *

Estamos em plena estação das romarias populares: o Senhor da Serra, a Atalaia, a Feira da Luz. Outras vêm a seguir na calendaria. Para a semana deve começar o ponta-pé na bola. A multidão reparte-se e chega para tudo. Onde estão o talento e o bom senso precisos para aproveitar, carililar, orientar esta febre de, ar livre que por toda a parte se revela?

* * *

Os cinemas entraram no capítulo das re-exibições. Está a arte ex-muda tão cansada como isso? Ou tão velha que se dê ao luxo de considerar já passada na sua existência uma fase de puro classicismo? Há rioste pensar e fazer—um tanto «blazé»—uma boa conta de involuntário snobismo...

irmos mais longe, basta lembrar que, com o advento da República, não era raro ver impor nomes como estes: Marat, Danton, Gambetta, Fontana, Afonso Costa, António José, a rapazes; e Liberdade, Revolução, Democracia, Fraternidade, a raparigas. Dizem-nos (ainda que o não conseguíssemos oficialmente comprovar) que nos comêços do regime republicano, se efectuou o registo civil dum rapariga nada mais nada menos do que assim: Maria Liberal Viva a República Pereira. Se desenvolvessemos estas notas—teríamos um pitoresco volume.



A velha Lisboa de 1870

acaba de surgir, diante de nós, através dum pequeno mas sugestivo volume de Julieta Ferrão—espírito cultíssimo e incansável. Ao evocar alguns episódios, cenas e figuras da Lisboa de há 73 anos, Julieta Ferrão fala-nos do «Calcanhar de Aquilles»—o célebre álbum de caricaturas a que está ligado o nome de Rafael Bordalo Pinheiro. Esse álbum, repositório de excelentes *portrait-charges*, constituiu uma verdadeira revelação. Não era apenas um novo género artístico que aparecia entre nós: era um genial artista que se revelava: maneja o lápis e a ironia com a subtilidade dum espadim. É possível que muitos dos nossos actuals caricaturistas, vivendo numa época irrequieta e dispersiva, nunca tenham folheado o álbum de Rafael. Devem fazê-lo—até por reconhecimento. O «Calcanhar de Aquilles» marca, em Portugal, o início da caricatura como fórmula de arte. É, sob este aspecto, o nosso primeiro documento. Aquilo que era por todos considerado quasi uma ignominia, passou a revestir-se dum sorridente dignidade. A caricatura foi, enfim, gente!



DR. SALAZAR
DE SOUSA

Médico dos mais distintos de pediatria, acaba de ser proposto, como o prova de distinção, para reger uma cadeira na Faculdade de Medicina.



MANUEL
SANTANA

O nosso mais apreciado caricaturista da moderna geração, realizou no edifício de Turismo da Costa de Caparica uma exposição de caricaturas, a todos os títulos notável.



TENENTE-CORONEL
AFONSO DOS SANTOS

Foi escolhido para superiormente dirigir os serviços de censura de correspondência, dentro das directrizes recentemente estabelecidas pelo Ministério da Guerra—cargo difícil a que o seu alto critério presidirá com justiça.

Vida MUNDIAL da Illustração
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEPHONE: 25844



COMO NEULLY SINTRA PODIA CRIAR UMA ACADEMIA DE INTELLECTUAIS...



O «Conselho dos 7» decide a fundação da Academia dos 30. A direita de Cortot, M.^{me} Berthe Girardet e José Germain; à esquerda, Louis Duncoyer e Maurice Penet-Carnot.



No n.º 32 da rua Longchamp, na casa que pertenceu a Théophile Gautier, ficou instalada a jovem academia, e ali ficará também o museu de Neully.



José Germain, presidente da secção de Letras, é o conferencista oficioso...



Maurice Penet-Carnot, secretário perpétuo da Academia, dirige o jornal «Le nouvelliste de Neully».



Eis um monumento de cultura musical, que pertence a Cortot: um livro de partituras com ricas iluminuras de George de La Hile, datadas de 1578.

A FINAL, a guerra que palpita para lá das demarcações que separam Paris de Neully não é estórvio absoluto para as manifestações do espírito. Pelo contrário. Dir-se-ia que a França ocupada se refugia nos seus livros, nos seus museus, na sua música, para se retemperar no contacto das fontes espirituais da nacionalidade.

À dois passos da guerra, dentro das suas conseqüências — Alfred Cortot funda a Academia dos 30 em Neully, uma nova capital das Artes, das Letras e Ciências!

Naturalmente que Neully, tão amada dos artistas — Musset escreveu: «Charmant séjour, aimé des dieux»... — merece a distinção.

Como Sintra o podia fazer — Neully abre os braços aos artistas e adormece-os sob a frescura das suas árvores seculares. Todos os grandes homens da França procuram de algum modo, nas horas de descanso ou nos momentos da sua inspiração, um recanto de Neully, oásis de verdura e «paradis du calme»...

Como nasceu, então, esta nova Academia?

Diz-se que um belo dia de Maio de 1937, as sumidades que costumavam reunir-se em Neully resolveram ligar-se por novos laços e formaram uma seita. Uma seita — pede-se perdão: uma Academia que se chamava, nada mais nada menos, do que Academia das Artes, Letras e Ciências de Neully!

Quem figurava à cabeça desse novo agrupamento?

Vejam só: Louis Lumière, E. Bastien-Lepage, Beussart, o duque Lévis-Mirepoix, o dr. Thierry de Martel, Paul Valéry, Charles Maurras, André Fontainas, Daniel Rops, príncipe Louis de Broglie, George Ricou, Maximo Real del Sarte e B. Metman, presidente dos «Amigos dos Artistas de Neully»...

A Academia funcionava regularmente, porque havia sempre recém-chegados, e o número de académicos ascen-

dia a duzentos. Mas, depois, veio a guerra, e cada qual seguiu caminhos diferentes. A Academia, que passou a ter o patrocínio do «maire» da cidade, lá se foi agüentando e pouco a pouco refazendo: Neully regressava ao prestígio de «estância de repouso para intellectuais»...

Recentemente, rege esta jovem e bizarra orquestra de artes e officios um músico de categoria: Alfred Cortot, director da Escola Normal de Música, conselheiro e presidente do Comité de Organização Profissional dos Músicos. Uma nova batuta vai impunhar, portanto, M. Cortot, que começou por coartar alguns compassos e reformar os estatutos: de futuro, nada de duzentos académicos, que Neully não comporta, com a crise e os racionamentos, tantos homens de categoria académica. Trinta bastam — e os outros serão apenas membros associados, aspirantes às cadeiras vagas...

Segundo consta, Alfred Cortot tem uma infinidade de projectos: criar o museu de Neully, organizar manifestações de carácter educativo — concertos, exposições e saraus literários — mas só com «neulistas»...

Para que os seus propósitos fiquem bem expressos e não admitam interpretações erradas, a Academia escolheu para divisa as palavras de Mistral: «Saúde do passado e fé no que há-de vir»...

Eis um lema que também nos conviria e uma decisão que estaria de acôrdo com a missão das «élites» portuguesas...

Santana, no «Diário de Lisboa», lembrou que Sintra poderia ser a estância de repouso dos nossos intellectuais. A camaradagem, o trato despido do intoxicamento das casas de «café» alfacinhas, havia de criar-lhes condições de hygiene moral e intellectual capazes de envolver no mesmo amplexo os amigos de Troia e mais da Grécia.

Para mais, agora, que com o calor os artistas e os escriptores andam tão avinagrados!...

NA ALEMANHA,



O AUXÍLIO À POPULAÇÃO CIVIL

Os ataques às grandes cidades alemãs, centros da indústria de guerra, continuam a ser particularmente violentos. Como a de Inglaterra, como a da França, como a da Itália, como a da Bélgica — a população civil alemã vive, também, as suas horas de transe, de luto, de sofrimento e agonia. Ao lado das populações armadas, defendidas pela máquina de guerra e em condições de esmagar o inimigo, a população civil indefesa de todos os países, muitas vezes inimiga do sangue que lhes traz luto e leva aqueles que mais ama — safre, realmente, de modo duplo e talvez mais doloroso, o infortúnio do conflito, as conseqüências do ódio dos homens. Entretanto, essas populações, disciplinadas e dignas, suportam heroicamente o seu martírio. E, não obstante jamais a guerra entre os homens ter trazido às massas humanas tamanhas participações no infortúnio — a confiança e o fogo da vitória não as abandona. De facto, onde houve uma guerra que ceifasse tantas vítimas inocentes, em Londres como em Hamburgo, em Milão como em Sebastopol?

É certo que o povo tem hoje, de um modo geral, uma participação mais efectiva nos destinos das nacionalidades. Também por isso, se fôssemos a perguntar a cada cidadão das massas anónimas que compõem as nações, se queriam a guerra — cada uma delas responderia que desejava principalmente a vitória...

As populações civis representam hoje, em boa verdade, aquilo a que poderíamos chamar o accionamento do motor da guerra. E é reconhecendo-o em parte, para premiar essa contribuição espiritual e para estimular o fogo da reacção, que os chefes se interessam hoje mais do que nunca pelos sofrimentos das populações civis, vítimas da guerra. A Alemanha sabe-o e corresponde aos interesses da sua política: os que estão a ser bombardeados em Colónia têm a certeza de que não estão sós — os olhos de uma Alemanha inteira organizada vigiam-nos.

As fotos que ilustram esta página assim no-lo sugerem: ao alto, o marechal Goering, que visitou Hamburgo recentemente, fala, após um bombardeamento, com rapazes auxiliares da Luftwaffe. Em baixo, vemos como é prestada assistência à população civil de Colónia — aos que ficaram sem lar, por motivo dos bombardeamentos.



O CEMITERIO Inglês DE LISBOA

Por CORREIA DA COSTA



EXISTE a dois passos do Jardim da Estréla e do Liceu de Pedro Nunes, uma das mais impressionantes e das mais profundas manifestações do gênio da raça britânica. Perto dos risos e das tropélias dos estudantes e da sinfonia incompleta das aves, entre o marulhar do vento nas árvores e nos arbustos, e o caledoscópio de tôdas as côres do espectro solar desde os amanheceres apolíneos aos crepúsculos em escarlate e bruma — ronda a morte, docemente, lealmente, como um afago de sêda, como uma saúde impalpável e fluidica.

Sintese duma raça e duma civilização que nunca abandona os seus mortos, e falecidos bem longe da «pátria-mãe», o cemitério inglês, que existe há dois séculos na folia tentacular de Lisboa, da Orlisipo das muitas e desvaireadas gentes do cronista Fernão Lopes, o primeiro repórter português, é um poema de silêncio, de ensinamento e de cisma espiritual.

Aberto o portão, temos à direita uma capela centenária, curiosa, mas que o camarão municipal procura inutilizar, para o alinhamento de uma nova rua, indo até à estátua de Pedro Álvares Cabral, oferecida no ano do Oitavo Centenário pelo governo brasileiro.

Em frente, à esquerda, ergue-se com uma nobre e equilibrada traça a igreja anglicana de S. Jorge, dum simples e delicioso arranjo interior. À direita do templo, lateralmente, uma capela de culto católico-apostólico-romano. Bela sintese de harmonia do espírito que existe em tôdas as nações de consciência cívica superior.

À direita e à esquerda, como se fôsse um jardim, alinham-se os túmulos, as campas rasas. Delidas pelo tempo, muitas inscrições morrem na pedra e na inclemência das horas que decorrem no regaço da distância. Ruas ajardinadas dividem e tornam esse cemitério um lugar de repouso, de alma contrita, de adeus à vida dentro da própria vida.

Nesse poema luminoso, ouvem-se rouxinóis, murmúrios de piano ao longe, o ruído torricolante da existência.

A morte e a vida beijam-se em luz, em calma elísea, em silêncio fecundo, em silêncio constricto.

Nesse «mea-culpas» da existência, os mortos dormem o sono derradeiro, o sono de sempre, e vivem e sofrem embriagadamente o grande silêncio de que fala Maeterlinck.

Em tôdas as cidades, em tôdas as capitais do mundo, os ingleses têm os seus cemitérios privados, e nunca abandonam os seus mortos às contingências do acaso e à guarda de carinhos mercenários. A fundação do cemitério inglês em Lisboa data de 1717, comêços do século XVIII.

Que nobre, que enternecedor carinho — dir-se-ia todo um poema de raça e de solidariedade sempre eterna!

Os romanos, nos seus festins, bebiam aos mortos, levantavam as suas taças *ad manes* Os britânicos, acarinham, aconchegam, enchem de ternura vivida e humana os seus mortos no estrangeiro, falecendo longe da pátria, entre climas e paisagens diferentes.

Mercê do acaso, de circunstâncias ocasionais, dos caprichos do destino, dormem no cemitério inglês, irmão gêmeo e siamês do Jardim da Estréla, o seu sono derradeiro, alguns ingleses e americanos ilustres e até um titular alemão foi acolhido nessa calma repousante.

Jardim raro, jardim de meditação onde os mortos esperam, temos adentro de Lisboa uns verdadeiros Campos Elíseos.

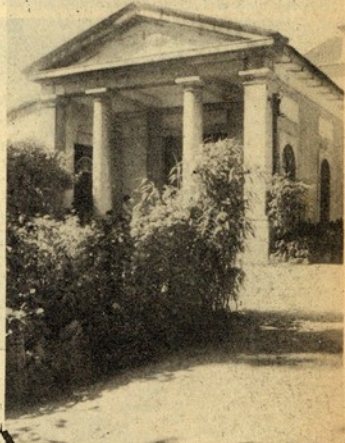
Entre êsses mortos ilustres, intelectuais, generais, militares, diplomatas, poetas, figuras da sociedade e da colônia britânica delidas e sagradas pelo tempo, e ultimamente as vítimas gloriosas desta guerra de hoje — jovens aviadores, figuras bambinas e sagradas pela Sôror-Morte, todos dormem lado a lado, confiantemente.

Entre as figuras de nome está o grande escritor inglês Fielding que, doente e atraído pelo nosso clima, aqui sofreu, esperou e escreveu!

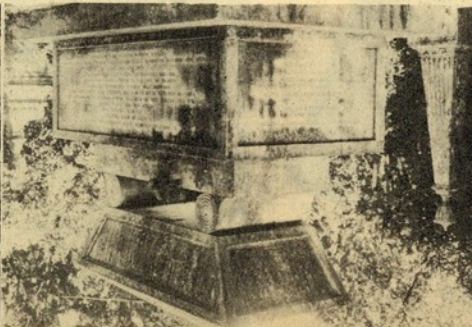
O romancista Henry Fielding, o maior da sua época depois de Richardson, nasceu em 1707 e morreu em 1754, e entre vários romances e dramas escreveu *Tom Jones*, a sua obra-prima, e *A viagem a Lisboa*, com curiosos elementos auto-biográficos e notas psicológicas sobre Portugal, que procurou enfermo e cheio de esperança na sua cura. Em 1830, levantaram-lhe um formoso monumento, com este epítapho em latim: «Lugret Britannia gremio non dari fovere natum».

Lord Byron, o cantor de Sintra, e que sucumbiu na Grécia, combatendo pela liberdade desse país, era entre nós que devia ter morrido.

E assim, no cemitério da Estréla, a sua figura tutelar, seria para nós um amparo e um símbolo, símbolo de alguém — belo e superior — que tombou nos agros helênicos a combater pela liberdade, essa nobre escultura irreal do pensamento!



1) O túmulo de Thomas White, num recanto convidativo do lindo jardim-cemitério. — 2) Frescas flores beijam os pés à igrejainha. — 3) Os «boers» que se bateram pela conquista das terras de África, têm aqui o seu singelo monumento. — 4) Dois aspectos do túmulo do escritor Fielding à sombra poética da ramaria das árvores silenciosas...



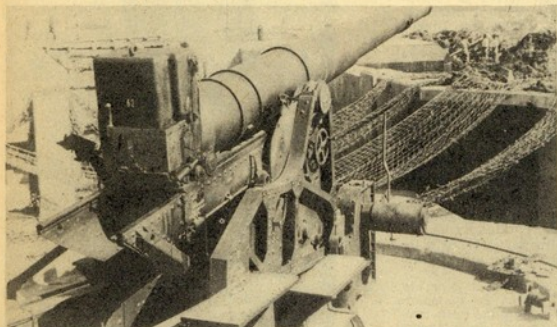
À RODA DA TERRA...



Um português sabe melhor que todos qual o esforço de guerra inglês: o nosso embaixador em Londres, Dr. Armindo Monteiro, que, ultimamente, tem visitado as fábricas de material de guerra britânicos, como se vê pela foto.



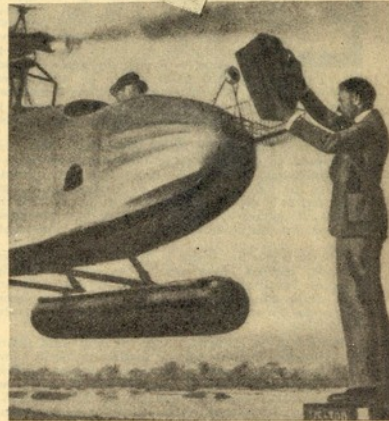
O general inverno está à porta da frente Leste e os soldados alemães precisam de se defender do frio quando estão de sentinela. Que nos dêem destes sapatos de palha — uma espécie de alôfia de ir às compras?



Por onde irão atacar as Nações Unidas, a já célebre e lendária «Fortaleza da Europa»? Os seus guardas — alemães e italianos — protegem-na com canhões ignais a estes que guardam as costas ocidental e sul da Europa.



Fala-se de uma nova arma de reconhecimento: o «hélicóptero». O aparelho pode estabelecer-se no ar, receber cargas ou combustível e dispõe de um motor que lhe permite subir ou descer quasi verticalmente. Anda para trás ou para diante como os automóveis — e desloca-se para o lado, servindo também para operações anfíbias.



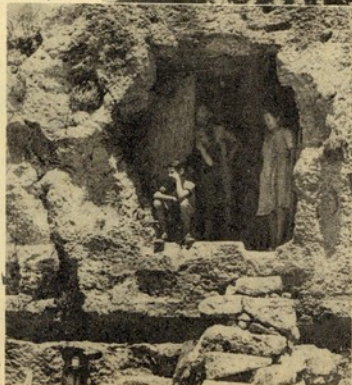
poetisa Adalgisa Nery — hoje sr.^a Lourival Fontes — que é enfermeira do Cruz Vermelha Brasileira e que aqui vemos a tratar de um simpático negrinho...



Na praça Domo, de Milão, o povo junta-se para ouvir a comunicação da queda de Mussolini e a subida, ao Governo, do general Badoglio.



Carlos Carneiro, que está à direita da foto, fêz furor em Berlim, com a sua última exposição de pintura, onde foi cumprimentado pelo ex-embaixador Faupel, e onde estiveram presentes o ministro de Portugal e o presidente do Instituto Ibero-Americano.



Na Sicília, a metralha dos aviões destruiu as casas, e os sicilianos tiveram que regressar ao primitivismo das furnas — e às crateras provocadas pelas bombas... Pelos modos portem, não se mostram aborrecidos...

Tarzan e a sua família, deixam a selva e vão para Nova-York



7 DIAS DE CINEMA

Por FERNANDO FRAGOSO

A comparação é inevitável. Porque, na indústria mundial de cinema, só os dois, Dave Fleischer e Walt Disney, se dedicam à feitura de desenhos animados de larga metragem. E este facto, só por si, mede a transcendência da técnica e a dificuldade imensa do género.

A comparação é inevitável — dissemos. Porque eles estão sôzinhos em campo — e caçam nas mesmas águas. E, assim, «apetece» estabelecer o paralelo entre um e outro, entre a «maneira» de Disney e de Fleischer. Uma diferença nítida, ressalta à primeira vista, na análise mais superficial. O primeiro é um poeta. O segundo, um prosador. Reparem que, por comodidade, falamos como se eles fossem os únicos autores das suas obras, quando afinal, em boa verdade, são inspiradores, directores, e orientadores — e deixam a animação e a execução a equipas numerosas e adextradas.

Nos filmes de Disney, a poesia intervem constantemente. Os heróis trazem consigo esse sópro sublime que lhes dá uma consistência extra-terrena. O mundo em que se movem não se situa no espaço em que habitamos. Não se conhecem limites. Raras vezes há pontos de referência. E o homem evita cruzar seus passos com os dos seres que Disney criou. Dave Fleischer, por seu turno, encara o problema dentro das realidades do dia a dia. As personagens dos seus filmes aparentam-se intimamente com o género humano. Disney é acima de tudo o caricaturista dos animais. Mickey, Donald, Dumbo, Bambi, Clarabella, Goofrey — são os seus heróis típicos. Os Fleischer — Dave e Max — interpretam de preferência a espécie humana. Betty Boop, Popeye, Olívia — criados ou simplesmente animados por eles — aparecem como as figuras mais representativas do seu estilo.

* * *

Posto o problema neste pé, *O sr. Bug vai à cidade* é um filme que corresponde inteiramente às exigências do espectador, muito embora os mais afeitos à maneira de Disney possam ver a sua expectativa ligeiramente desiludida. E desiludida, sobretudo, pela forma propositadamente terra-a-terra como é tratado o assunto, com a preocupação constante de situar a história no mundo em que vivemos, preocupação que ressalta nítida das constantes intervenções dos seres

humanos, focados da cintura para baixo, neste drama de insectos, que se desenrola em ruas, quintais «bungalows» e arranha-céus de indefinida metrópole americana.

Pela nossa parte, entendemos que o filme se ressentente constantemente desta mistura estranha da realidade com a fantasia. O mundo dos homens é focado com a preocupação de lhe dar o aspecto que nos é familiar. O desenho procura apresentar as imagens, como se fôsem colhidas, da realidade, pelo tecnicolor. Tudo quanto diz respeito aos bichos, é visto pelo prisma da fantasia. Este «cocktail» nem sempre resulta, porque os desencontros surgem muitas vezes, com manifesto prejuízo do maravilhoso e do fantástico — encanto, e quasi razão de ser, destes filmes.

A história — a despeito da intervenção dos seus quatro autores e oito adaptadores — não é rica em novidade, na sua linha geral, muito embora, em pormenor, tenha ingénuo ineditismo. O paradoxo aparente é comum no cinema, pois a cada passo vemos histórias velhíssimas, em filmes que parecem novos. O segredo reside, muitas vezes, na maneira de contar, na personalidade dos intérpretes, na riqueza ou no interesse dos ambientes, na acção acessória que nos leva, por caminhos diferentes, ao longo do mesmo caminho... E, sob este aspecto, *O senhor Bug vai à cidade* tem uma seqüência muito feliz, que quasi nos faz esquecer o facto do argumento, como Raúl Faria da Fonseca muito bem notou, ser a reedição dos dramalhões à moda antiga, com o tirano que pretende conquistar a ingénua, servindo-se de fiéis sequazes e maquinações inconfessáveis, e contra o qual lutam um pai demasiado velho e indefeso e um namorado, cujos bons esforços a fatalidade e as circunstâncias comprometem a cada passo.

A ascensão do mundo dos insectos ao alto dos arranha-céus, os preparativos da boda de Maria Mel — talhada à imagem e semelhança das oxigenadas «vitaminas» do Estoril; a noite no cabaré; o exodo da bicharia para o jardim, Terra da Promissão dos Proscritos — ficam como alguns dos momentos mais curiosos deste filme, que o público não acarinhou na medida do seu valor.

Mas no que se refere à execução, à técnica do desenho, aos processos de «animação», *O senhor Bug vai à cidade* impõe-se constantemente. E para não citarmos, por inútil, nenhum outro aspecto da per-

feição a que se chegou, chamamos a atenção do leitor para a seqüência em que o gafanhoto se debate, envolto no papel «celophane» do envelope que contém o cheque.

* * *

«Não há, neste filme, aquêles conceitos moralistas que ressaltam das obras de Walt Disney. Tão pouco certa filosofia amarga que transparece nas imagens ou nas intenções. *O senhor Bug vai à cidade* é um espectáculo — um divertimento. E tudo se afigura ter sido conduzido para essa aparente superficialidade. Há apenas uma frase, desabafo de um intérprete, que parece ter valor simbólico. Com efeito, quando a barata, do alto do arranha-céus, olha o formigueiro humano, na grande artéria onde pessoas e automóveis correm apressadamente, exclama, maravilhada: «Olhem os homens! Parecem tal qual insectos».

A estatura de cada um depende, de facto, da altura a que nós subirmos — quer moral, quer materialmente...

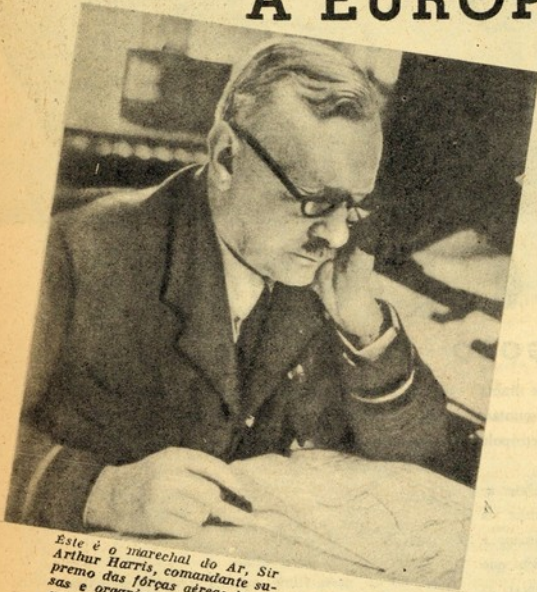


Clark Gable e Lana Turner em «Tempestade no Pacífico»

ARTHUR HARRIS

O ORGANIZADOR DOS «RAIDS»

À EUROPA



Este é o marechal do Af, Sir Arthur Harris, comandante supremo das forças aéreas inglesas e organizador dos ataques contra o continente europeu. Enquanto o mundo toma conhecimento do último «raid» — Harris estuda um novo ataque...



Entretanto, a secretária traz-lhe informações que o ajudarão a decidir-se. Informações pormenorizadas e em poucas palavras — eis o que Harris reclama...



A conferência acabou. Realizou-se num subterrâneo, em qualquer parte de Inglaterra. O marechal deixa as suas preocupações de guerra.



Mas um homem, sério, não pôde estudar os efeitos do último ataque ao Ruhr. Aqui estão, realmente, os seus auxiliares: oficiais do Estado-Maior, que lhe dão escatrecimentos e opiniões.

Como qualquer de nós que é pai e tem esposa, dirige-se para casa, onde o espera, com a filhinha, Lady Harris. Talvez o telefone não chame e possa entregar-se de todo o coração ao amor dos seus...





Dos livros e DOS HOMENS

★
POR LUIS FORJAZ TRIGUEIROS



ANTÓNIO SARDINHA E O BRASIL

Confesso que me era inteiramente desconhecido o nome deste escritor brasileiro — Guilherme Auler — até há pouco. Comecei a fixá-lo quando, há meia dúzia de semanas, li uma transcrição de certo estudo seu, acerca de António Sardinha. Agora, chega-me do Brasil esse volume — editado pelo «Ciclo Cultural Luso-Brasileiro», do Recife, instituição a que, diga-se por justiça, Manuel Anselmo deu o melhor do seu entusiasmo — e apressei-me a folheá-lo. Li-o num instante. Guilherme Auler, para além das restrições que possam ser feitas a certo inegável «apressamento» na publicação deste seu ensaio, é, na realidade, um escritor de merecimento, que, sem dificuldade, maneja uma prosa subtil, elegante e fluente.

António Sardinha, volume bem apresentado graficamente, e para mais com um sentido de sobriedade que destoa de certas edições brasileiras por demais berrantes, ou exclusivamente «comerciais», peca essencialmente pelo poder de síntese que noutros casos seria uma virtude e neste é apenas um defeito...

A vida e a obra de António Sardinha, mesmo para um fim de divulgação em país estrangeiro (será o Brasil um país estrangeiro?) não se condensam em algumas dezenas de páginas — mesmo quando há uma intenção superior de respeito, de eternidade, comoção e de marcada elevação a doirar o seu objectivo primordial. Pelo menos, para nós, portugueses que bebemos em Sardinha — e é o meu caso — os fundamentos essenciais do nosso nacionalismo, ou que através da sua doutrinação lográmos «não morrer de sede junto à fonte», na frase da balada de Charles d'Orléans, a vida e a obra de Sardinha estão ainda à espera daquele critico, que não sendo apenas um político ou um doutrinário, não seja exclusivamente um literato — e, muito menos ainda, apenas um rígido e fácil compilador de memórias históricas... Guilherme Auler parece-me particularmente bem dotado para escrever aquele livro que a memória de António Sardinha reclama e no qual se fixe, por forma duradoura, não apenas a doutrinação contra-revolucionária de Sardinha, num momento em que a contra-revolução se confundia com as mais nobres aspirações, mas ainda a sua obra de extraordinário exegeta literário, de atento e profundo investigador histórico, que soube, num dado momento, antecipar-se ao seu próprio tempo e fazer uma das mais notáveis e penetrantes obras de rectificação critica e literária de que pode legitimamente orgulhar-se a cultura portuguesa.

Guilherme Auler é, pois, segundo creio, o primeiro escritor brasileiro que se ocupa da figura intelectual de António Sardinha e a traz para um alto plano de iluminação literária. Documentando-se em trabalhos de escritores categorizados,

especialmente para se ocuparem de António Sardinha — o Conde de Aurora, cujo ensaio «No Espólio de Sardinha» é um notabilissimo estudo, Hipólito Raposo, João do Amaral, Almeida Braga, João Ameal, Manuel Murias, Caetano Beirão e outros — o critico brasileiro estuda sucessivamente o perfil humano, as idéias, o apostolado, a obra de poeta, de critico e de literato, de Sardinha, à luz da fórmula maurrasiana: «Restaurar pela razão e pela vontade a obra que os nossos maiores consolidaram pelo costume e pelo sentimento» — demonstrando, como é óbvio sem dificuldade, que a luta fundamental da doutrinação de António Sardinha no quadro do seu tempo era entre a tradição e a revolução, não sendo esta progresso nem aquela imobilidade.

Não pôde Guilherme Auler — ou não quis — alargar o âmbito do seu ensaio e transportar a figura e a obra de Sardinha para a legitima projecção do período que sucedera à sua época; e foi pena, Impunha-se um estudo mais demorado às consequências da sua doutrinação e à larguíssima, directa, influência que tiveram as suas idéias na formação das gerações que sucederam à sua. O livro de Auler toca ainda, ao de leve, o célebre manifesto dos estudantes integralistas, de 1931. Se tivesse avançado apenas um ano mais deveria deter-se no estudo da execução doutrinária activa de que esse manifesto foi, na verdade, o primeiro porta-voz e a primeira pedra. A obra doutrinária de Sardinha não pode ser estudada apenas nas suas raízes mas também nas suas consequências.

Não conhece Guilherme Auler um dos livros de António Sardinha que mais indispensáveis são ao conhecimento da sua personalidade de escritor: *Na feira dos mitos*, obra póstuma que é colectânea inteligente de algumas das suas melhores páginas jornalísticas e de doutrina. Não conhece, e lealmente o confessa. É, porém, nesse livro que o célebre artigo de Sardinha: *O Brasil*, escrito a propósito da comemoração de mais um aniversário do descobrimento, artigo em que, defendendo a nação irmã como criação do génio português, António Sardinha proclamava já, há mais de vinte anos, num jeito de profecia, relembrando as intenções de aproximação luso-brasileira do Rei D. Carlos: «Ao Portugal de amanhã, ao Portugal restaurado, cumpre efectivar a aspiração do egrégio monarca. O sonho de D. João IV, considerando o Atlântico um lago português, talvez que ainda um dia se veja realizado». No momento em que a amizade luso-brasileira é uma realidade fecunda e promissora, e quando foi o próprio Brasil que proclamou, há dois anos, pela voz do Dr. Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, a *lusitanidade* do Oceano Atlântico, caberia bem na obra de G. Auler a lembrança simples do nome do Rei que não logrou completar a sua obra de aproximação, do mestre doutrinário que a evocou e seguiu, e ainda dos homens que em 1940, com a presença do Brasil nas festas centenárias de Portugal, começaram a torná-la possível e abriram o caminho às grandes perspectivas do futuro.

APONTAMENTOS

UMA revista brasileira de grande categoria, *Vitrina*, publica, no seu último número chegado a Portugal, uma interessante reportagem da Academia de Letras da nação irmã. Nessa reportagem presta-se justo preito de louvor a João Luso — o mais luso-brasileiro dos escritores, na definição da própria revista; o redactor preñado é sócio efectivo da Academia, visto ser ainda ginta por que razão o conhecido homem de letras considerado estrangeiro: «Em uma das suas páginas de critica literária, Humberto de Campos protesta contra a situação em que se encontra desde sempre esse escritor brasileiro nascido em Portugal: lá na sua terra de origem, consideram-no homem de letras estrangeiro porque aqui fez toda a sua carreira; cá é tido como literato estrangeiro porque não nasceu entre nós. Paris, entretanto, adopta e considera parisiense, ou francês, os escritores e poetas de qualquer procedência que ali armem barraca para escrever em francês, como fez com Jean Morias, Stuart Mervil, Rodenbach e tantos outros».

João Luso é, na realidade, o mais brasileiro dos escritores portugueses; sendo fundamentalmente, estruturalmente português, não deixa de ser por isso um grande escritor brasileiro. As palavras de *Vitrina* mereciam ser registadas. Por isso se registam.

★ ★ ★

Na grande Imprensa francesa vem-se desenhando, ultimamente, louvável movimento no sentido de serem reeditados os primeiros romances (hoje já quasi completamente esquecidos) do critico e ensaista Philéas Lebesgue. Todos nós, os que em Portugal escrevemos, e que de qualquer modo nos inclinamos sobre a eternidade da cultura francesa e a reconhecemos como verdade indiscutível, devemos regosijar-nos com a iniciativa, que representa homenagem justíssima a um escritor que à literatura portuguesa tem dedicado perto de meio século de atenção e de carinho. As suas criticas no «*Mercur de France*» são recordadas hoje, com saúde, pelos escritores portugueses, tão pouco habituados a verem a sua obra exaltada e compreendida no estrangeiro...

FAÇA DE PAPEL

- «*Orgulho e Preconceito*», de Jane Austein, que deu o titulo e o argumento de um filme, vai aparecer em edição da Inquérito.
- Intitula-se «*A velha ama*», o novo romance de Vasca Nogueira, pseudónimo de um jornalista muito conhecido. A edição é de «*Argus*».
- Da mesma editoria, vai aparecer a «*História Maravilhosa de Pitts*».
- Mário Gonçalves Viana publicou «*Psicologia da amizade*» (Editor Domingos Barreira).
- Chama-se «*Vão lá entender as raparigas*» o novo romance de Helena de Aragão (A. E. B.).
- Marques Rebelo e Arnaldo Tabala publicaram «*Pequena história de amors*». (Editorial Criança — Rio de Janeiro).

O Elogio do repórter

PODE dizer-se que, entre nós, há quarenta anos se existia o jornal, não havia jornalismo. A imprensa era já uma força apreciável que se movia em muitas direcções mas como um maquinismo a óleos pesados; desconhecia a rapidez telegráfica da nossa época feita de pressas, de nervos agitados, de ruído, de correrias e estridências. A notícia era repousada, trabalhada com fria serenidade de expressão e um leve sabor a fórmulas clássicas, preestabelecidas, que não lhe permitiam esvoaçar fora do âmbito da calma absoluta da informação.

Encerrava-se nos traços geométricos dum noticiário de índole convencional. O jornalista tinha qualquer coisa de burocrata. Afinava as notas dos informadores da Arcada e passava a limpo os rascunhos dos correspondentes. A vida do jornal decorria numa temperatura de método organizado num modelo próprio: existência circunscrita a uma feição sistemática de transmitir os factos, retratando-os sem preocupações de linguagem nem exigências de técnica. Numa época em que não se sabia dar aos acontecimentos o seu relêvo por carência dum maior campo visual que os pudesse focar, o marasmo da imprensa era cortado por uma luz mais viva, cujo brilho incidia sobre a luz crua da notícia e do *fait-divers*: a colaboração do homem de letras. Os «grandes jornalistas» desse tempo eram apenas grandes literatos. O artigo de fundo trazia a rúbrica do escritor. Raramente se redigia à banca da redacção. Extenso e compacto, tratava os assuntos com uma substância plásmica à disposição dum meticuloso estilo, esmaltado de imagens, cujo colorido tinha um vago pretenciosismo. Antes de aparecer a crónica literária, as gazetas «descobriram» o folhetim, em que foi mestre Júlio César Machado.

O jornalismo político trouxe a polémica, e nesse terreno esgrimiram nomes notáveis. Numa palavra: o jornal adquiriu uma certa fisionomia literária. A literatura entrou no jornalismo, não pela porta mas pela janela. O redactor condensava a existência apagada e vegetativa do homem que compõe em prosa simples e acessível a informação do dia-a-dia. O escritor representava a estirpe aristocrática do intelectual que escreve ao seu sabor, cuidadoso e sem precipitações, corrigindo as decorações do estilo, atento às mil subtilidades de que pode servir-se para traduzir uma ideia ou esculpir uma frase. Separava-os enorme distância. Se é certo que há a apontar raríssimos exemplos de redactores desse tempo que conseguiram, mais tarde, evidenciar-se na literatura, também é certo que nenhum escritor seria capaz de tentar com êxito o labor difícil dum fazedor de notícias. Sabe-se que Fialho, a quem devemos páginas de inigualável beleza, suave nessa dolorosa experiência: vencia-o a impotência em redigir duas linhas de noticiário.

Mas há uma época de transição brusca na imprensa: o jornal «actualiza-se», lança-se à conquista de novos rumos, torna-se uma força com mais vida e mais vibração e, impellido pela corrente, o jornalista de ontem, figura apagada e quasi inerte, transforma-se no especialista de assuntos que maneja, à vontade, mais alguma coisa de novo e de interessante. Tem maiores responsabilidades e, mais vasto campo de acção. Esta nova atmosfera permite-lhe insuflar na vida dum jornal energias magníficas. A construção de noticiário sucede-se a arte de descrever. Colorido, acção, harmonia, vigor, tudo isto se agita para modelar o temperamento do «homem dos jornais». O padrão desta nova era chama-se reportagem.

A reportagem marca a evolução do jornalismo. É ela que traz dinamismo, juventude, calor, às colunas dos jornais. O monótono passa a ser interessante, e o que parecia estagnável é sacudido por uma força ágil. A notícia seca e banal aparece, quando o assunto se presta, cheia de interesse e de cor. A prosa aboliu a sua dependência a uma forma unilateral e passa a ter outro ritmo. É o amanhecer duma nova concepção. Há já estilo, diremos mesmo uma espécie de «personalidade» na maneira elegante de dar em meia coluna a notícia dum «caso». O jornalista moderno é até certo ponto um homem de letras. Mas a reportagem conferiu-lhe mais possibilidades de criação, cedeu-lhe mais vantagens: o repórter tem de possuir o poder de interpretação e de análise do escritor, as faculdades deste, a rapidez de escrever e a facilidade de pensar, dons de que poucos intelectuais se podem vangloriar.

A literatura pode ser, em síntese, uma maneira de comentar a vida. A reportagem é o comentário arguto, rápido, incisivo. Se a primeira necessita de inspiração, esta terá de utilizar, em grande medida, o talento. A inteligência e a sensibilidade actuam em estreita ligação no trabalho do repórter. O escritor serve-se da imaginação para «fazer» o seu mundo entre as quatro paredes dum gabinete de trabalho onde dispõe de tempo e de paciência para procurar imagens felizes ou frases duma plasticidade admirável... No repórter tudo é definitivo, fluente e espontâneo. O que podia latejar na expressão literária, acorrendo-a a um estilo, colado a uma tendência, movimenta-se com uma sobrevida fulgurante na maleabilidade mental do repórter. O repórter é ainda o crítico, o comentarista, o biógrafo dos acontecimentos, o historiador de almas e de casos.

Todo o seu esforço exige uma cultura sólida que lhe permita escrever com segurança sobre uma multiplicidade constante de assuntos. Há grandes reportagens que ficaram como documentos duma época. Muitas são obras primas de jornalismo, e aquêles que as fizeram revelaram-se como grandes mestres na difícil arte de escrever. Algumas são ainda verdadeiros lances teatrais de audácia como a de António Ferro nos dias trágicos de Fiume, quando d'Anunzio conquistava, passo a passo, a cidade num rasgo de heroísmo que havia de trazer ao autor de «O Fogo» a consagração como poeta-soldado. Não falemos das missões difíceis de alguns jornalistas através da Europa, em períodos agitados. Essas reportagens revelaram um tacto diplomático notável.

As primeiras que entre nós se fizeram foram as reportagens do crime, e o primeiro jornalista que se dedicou a este género foi Eduardo Fernandes. Dois nomes de profissionais de imprensa representam esta escola: Belo Redondo, que parece ter nascido com a intuição peculiar a um repórter audacioso, e Tomé Vieira, um perito nesta modalidade de jornalismo. Quantas páginas que encheriam livros de memórias não aquigram «dramas que são verdadeiros folhetins da vida real!

O repórter está em toda a parte onde a sua profissão o exige. Não pode conhecer o cansaço, nem a hesitação, nem o torpor. Os seus nervos requerem a consistência dum aço especial. Junta-se a isto destreza de assimilação, sangue-frio, sobriedade nos pormenores, eloquência na concisão, velocidade na recolha de elementos e, sobretudo, uma pena ligeira que não tropece nas vacilações da prosa.

O repórter é um domador desse leão que se chama Tempo. Não se deixa devorar por êle. Em poucos minutos, apronta-se o relato circunstanciado que há-de encher meia coluna. Todos os sentidos deste infatigável operário do jornalismo se concentram realizando um esforço que honra a profissão. Dois exemplos de actividade espantosa: mestre Reinaldo Ferreira, quando à hora do jornal fechar, faz substituir, com incrível rapidez, duas colunas em corpo 7, pela produção trepidante de 56 «linguados» da sua pena excepcional de grande repórter, e o infelizmente Jorge de San Basílio, cuja cultura enciclopédica, revolvendo todos os assuntos e abordando todos os temas, rivalizava com um relampejante poder descritivo nas mais difíceis reportagens.

Mas é inútil citar exemplos. Todos os repórteres, irmãos de ofício nesta ingrata tarefa da Imprensa, possuem o condão de «dominar» o assunto com presteza e sagacidade. É este o segredo da incontestável superioridade do repórter sobre o homem de letras.

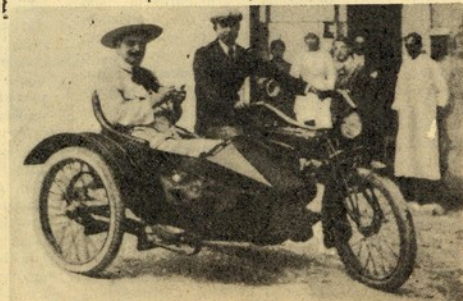
JORGE RAMOS.



Albert Londres, famoso repórter desaparecido num trágico desastre



O jornalista húngaro Ladislau Tyszkiewicz, célebre pelas suas reportagens



Eduardo Fernandes, quando chefe dos repórteres do «Século»

INDUSTRIAS POPULARES

MERCA, MERCA, FREGUEZ!

TALVEZ nos tivesse vindo do Oriente, por intermédio de árabes e moiros, este costume realmente bárbaro mas cómodo de fazer alarido no meio da rua:

— Olha os lenços de assoar!

— Cada cõr seu paladar!

— Merca! Merca a boa pèra assada!...

Parece estranho mas é verdadeiro: com excepção das terras do Norte de África, do próximo e longínquo Oriente, nenhum país como o nosso — para não dizermos nenhuma cidade como Lisboa — terá o colorido bárbaro das ruas da nossa cidade. A via pública, que Londres aproveita para ir de corrida aos negócios, e de que Paris fazia vitrine de elegâncias — em Lisboa serve para tudo: corredor da política nacional e estrangeira, balcão de negócios, miradouro de pasmaceira, obstáculo de trânsito — não é piada aos meninos «swings» da «Brasileira»... — alcevitela de namoros, montra de vaidades, calxote de lixo, escarrador público, miclório, campo de manobras vigarísticas — e não se sabe que mais...

Muitos se perdem nas ruas — e por causa das ruas de Lisboa. Mas muitos também nelas encontram todo o seu ganha-pão, toda a sua riqueza, todas as suas possibilidades de governo de vida...

Se não fossem as ruas de Lisboa, que seria dos vendedores ambulantes, sem dinheiro para fazer negócio de porta aberta?

A Câmara, que auxilia esses modestos vendedores ambulantes, reconhecendo a sua existência e cobrando-lhes impostos relativamente pequenos — é, porém, a sua sombra negra: porque não podem estacionar, porque não podem passar defronte de lojas de porta aberta, porque não deixa que proliferem tanto como eles desejariam...

Naturalmente que, se não fossem as sanções e os condicionalismos, não seria preciso o comércio estabelecido; todos passariam a andar de porta em porta — e as contribuições que se queixassem. Mas, também, se amanhã fosse proibido o comércio ambulante — como ficariam tristes as nossas ruas, como seriam ignais a todas, como passariam a ser inexpressivas e sem o pitoresco — transição pouco abonatória embora, para cidade século XX — desta Babel de confusões e gritos! Nunca mais ouviríamos a peixeira a gritar a sua «pescada do alto!», a mulher das flores e dos «abat-jours» de papel desaparecia, o cauteleiro não gritaria, consoante a hora, a sua cautela a 5 ou 7 escudos — e até o rapaz dos jornais deixaria de lhe apregoar, todas as quintas-feiras, a sua «Vida Mundial! Olha a «Vida Mundial Ilustrada!»...

Depois, no comércio ambulante, andam ligadas tradições de artes e ofícios populares: o homem que faz os abanos, os cestos e as grelhas; a mulher que embainha os lenços e faz «bolas de Berlim» ou rebuçados; os que armam moínhos de papel com que os meninos pobres brincam à janela — e muitos, muitos outros que meia vida levam a calcurear Lisboa de lés-a-lés, depois de passarem outra meia nos gastos de uma indústria ingénua de que o povo não prescindia.

Os estetas, os meninos «swings», gritam contra a babilónica confusão e retrocesso das ruas de Lisboa — mas se elas não fossem assim, como Deus as fez e o homem as criou — quem daria pão aos humildes trabalhadores, gente pobre, pobrezinha, que trabalha de noite nas águas-furtadas e nas caves hafientas, nas barracas de latas e nas furnas, para vir de dia vender na via pública a vigília do seu sono, o ganha-pão da sua pobreza, com que adornam a jarrinha da sala dos pobres e enfeitam o altar do Deus-Menino?

1) — «Tome lá o tróco, frêguê! Olhe que pinhoufa desta, só para os amigos...» — 2) Quantos dias em casa, para transformar o papel «plêc» nestas bonecas que vão cobrir o telefone modesto ou o aparelho de rádio? — 3) Depois de embatinhados, parecem lenços da loja e ficam mais baratos... Pelo menos a larga freguesia assim a prova. — 3) — «Cada cõr seu paladar! Cada cõr seu paladar!», uma indústria de adultos, um comércio de crianças... — 5) As mãos velhinhas não perderam o treino e fazem ainda flores de papel. Não há aqui uma recatada e honesta pobreza de retábulo?

(Fotos Seródio)



1



2



3



5

4



RONDA DE GUERRA

DE QUEBEC ÀS GRANDES OPERAÇÕES DE ATAQUE

AS cidades, como os homens, também têm um destino, também nascem com as suas horas de glória e declínio, de amargura e de alegria. Sempre assim foi e sempre assim há-de ser. E é talvez por isso que os homens, como os burgos, são acionados pelas circunstâncias, mais até do que às vezes pelo seu próprio esforço e vontade. Portanto, não há, de facto, como as guerras para fabricar nomes. Depois que Hollywood, por imperativos de momento, deixou de fabricar estrelas, essa outra retorta que é a guerra inclinou a laboração de nomes que valem incrivelmente mais pela oportunidade circunstante, do que em tempo de paz. Trata-se de um fenómeno imponderável, de uma razão que atinge todos os argumentos em oposição e que nos faz pensar na transitoriedade de tudo o que é humano—mesmo tratando-se de terras...

Astros de guerra que surgem: generais, cabos de mar, ases de aviação; gente da política; armas e processos de combate; nomes de terras que surgem e logo desaparecem na ingratitude do esquecimento... Pode dizer-se, em boa verdade, que todos nesta guerra têm a sua hora—e a de Quebec, como a de Munich, como a de Londres e a de Coventry, como a de Colónia, Toulon, Dieppe, Dunquerque, Tobruk, Hamburgo e Saint-Nazaire—sou também no tantá dos acontecimentos, como legenda desta guerra. É certo que Quebec não é uma cidadezinha dos

confinos canadianos. Mas, se não fosse o último encontro Roosevelt-Churchill, quem se lembraria de que foi ela a primeira povoação fundada pelos franceses no Canadá—quem se lembraria que o seu esforço para a manutenção da guerra com as suas formidáveis indústrias e jazigos minerais vai à frente da produção canadiana?

Quebec, a antiga capital do Canadá francês e inglês, que Champlain fundou em 1608, está agora na ordem do dia: chegou a sua hora de galarim e vai dar cartas na condução política e estratégica da guerra. Durante uma semana, as agências telegráficas não se cansaram de desencadear a batalha dos nervos, partindo de Quebec, onde Churchill e Roosevelt, com os seus técnicos militares e políticos, mantiveram estreitas e longas conversações.

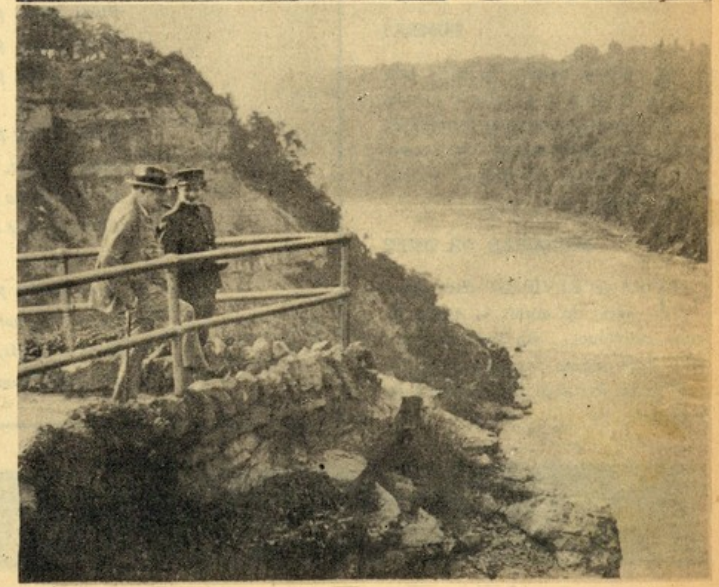
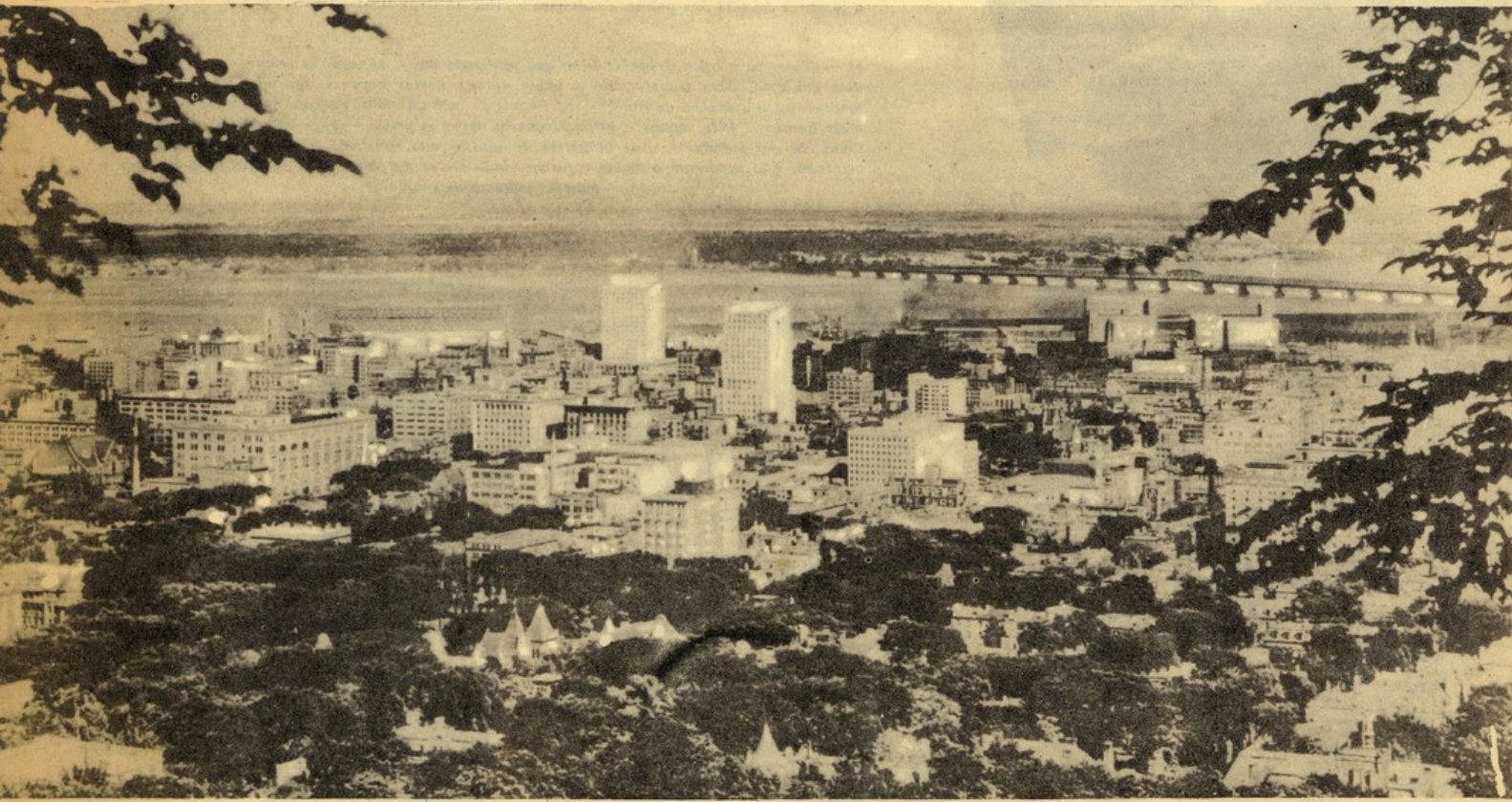
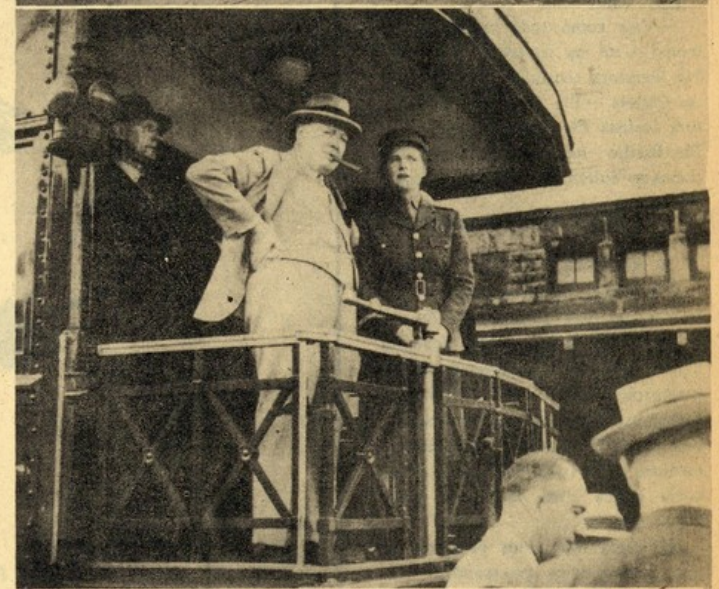
Que vai resultar dessas reuniões? O mundo sabe que, quando os responsáveis pelos destinos da guerra desencadeiam o movimento psicológico dos nervos—é porque têm nas mãos os fios dos engenhos bélicos para disparar ao primeiro sinal. Quando Hitler, no dealbar deste conflito, batia o pé e desembainhava essa nova arma criada pelo telégrafo e pela rádio, com ameaças de acção decisiva—cumpria quasi sempre o que dizia. Hoje, de resto, que os exércitos das Nações Unidas passaram à ofensiva—a Alemanha concorda, pela boca de chefes políticos e militares, em que está há um ano na defensiva—o mundo sabe igualmente que os fogos-fátuos da propaganda correspondem a períodos cíclicos de perigo para o inimigo em causa. Tudo, portanto, nos leva a antever as características das operações que vão entrar em curso. A Alemanha, de resto, espera-os, e, se bem que não transpire das chancelarias o sentido absoluto das palavras de Roosevelt—«o mundo vai passar das nossas resoluções»—a própria imprensa vai-se encarregando de levantar a ponta de cortina, antes do subir do pano para a grande apoteose deste fim de acto 1943.

As tropas canadianas e americanas que se ensandulham nas ilhas britânicas, e a concentração naval ao largo da costa inglesa não passam despercebidas aos alemães que, pela pena de Bongartz, no *Das Reich*, admitem as possibilidades de um ataque fulminante à França, sobre o palco da Mancha. Tais suposições não excluem, evidentemente, a atenção sobre o Mediterrâneo, pois tudo leva a supor que, ainda aqui, grandes serão as surpresas do futuro. E tanto a Alemanha o compreende—a Itália deixou de ter a iniciativa das grandes operações, limitando-se, a pouco e pouco, a suster, sem deshonra, o fardo da guerra—que, dentro de um reforço de intenções e medidas que vinha tomando, está a substituir na Grécia as guarnições italianas por alemãs. Tudo isto são pequenos elementos dispersos que convém integrar no todo dos acontecimentos a que temos de ailar a grande incógnita da frente Leste, com todo o seu cortejo de dissidências e de interesses em jogo.

Até que ponto pode traduzir-se o significado da demissão de Summer Welles, em relação a essas mesmas dissidências?

O tempo o dirá, sem nos esquecermos de que todas as surpresas, em todos os campos, podem passar muito além das suposições mais arrojadas. A terra treme, quando a julgamos mais firme a nossos pés.

Seja, porém, como for: as decisões de Quebec vão marcar um novo parágrafo na história desta guerra, e os seus efeitos estão aí em amostra. Os vaticínios, neste momento, seriam perigosos e infundamentados. As palavras de Roosevelt e de Churchill, após a conferência, foram demasiado retóricas—simples cartão de visita enviado do caminho ao hospedeiro que bem nos alojou—para que possamos extrair delas conclusões técnicas. Os acontecimentos, porém, no-las demonstrarão o mais cédo possível: as Nações Unidas precisam de aproveitar a rota da Atlântico enquanto o mar lhes sustenta os porta-aviões de 10 mil toneladas, donde partem os ataques aos submarinos inimigos. Sem ponto de apoio para essa luta, não será possível continuar no inverno, como tem feito a partir de Abril, os transportes monstros de tropas para a África e Europa...



1) Da cidadela de Quebec, Roosevelt e Churchill, com os membros das suas comitivas, olham a cidade.—2) Vista panorâmica de Quebec. A cidade é banhada pelo Rio São Lourenço.—3) A primeira visita de Churchill, ao chegar a Quebec, foi ao castelo de Frontenac.—4) Miss Mary Churchill acompanha seu pai na visita ao Niagara.—5) Vemo-los também aqui, na plataforma do comboio que os levou a Quebec.—6) Da esquerda para a direita: Eden, Roosevelt, a condessa de Athlone e Churchill. De pé: Conde de Athlone, governador geral do Canadá, Mackenzie King, Alexander Cadogan e Brenden Bracken.

CALÇADA DA GLÓRIA

NOTA A ABRIR

HA em Portugal uma espécie curiosa: a dos puristas da língua. O purista é aquele senhor de óculos que ainda cheira rapé e que — já notava Eça de Queiroz — toma uma idéia, não quer saber se ela é justa, falsa, fina ou estúpida, mas só procura descobrir se as palavras em que ela vem expressa obedecem à semântica. Só lhe interessa a oração, a sintaxe, o dicionário — e o acento. Pode abrir o melhor livro: de repente sobre uma página encontra, por exemplo, a palavra *carpette*, e logo grita: — *Carpette* em vez de *alcatifa*? Que maroteira! Há mais de mil anos que o bom português manda dizer *alcatifa*! E o purista atira, cavernosamente, o livro para um canto — esquecido (santo ignorante!) que Portugal tem apenas oito séculos...

NOMES E ÉPOCAS

DIZIA-NOS ontem um psicólogo:
— Veja como tudo muda com o tempo — até na literatura do amor! Na literatura romântica Ela chamava-se Carlota — Ele Werther; na literatura realista Ela chamava-se Luísa — Ele Basílio; na literatura actual Ela chama-se Sulfamida — e Ele Swing...

COISAS QUE ACONTECEM

ARMANDO Ferreira, distinto crítico do «Domingo», ao referir-se, há dias, ao livro *O; Deuses voltaram*, do ilustre escritor Joaquim Leitão, transcrevia algumas frases de construção literariamente defeituosa. Exemplos: Lembra-te que sou para ti uma morta (pág. 208); o belo tesouro mediceu já eu (pág. 34); bateram naquela amada alma de lagedo (pág. 200); etc., etc....

Há quem faça votos para que se trate apenas duma má revisão!

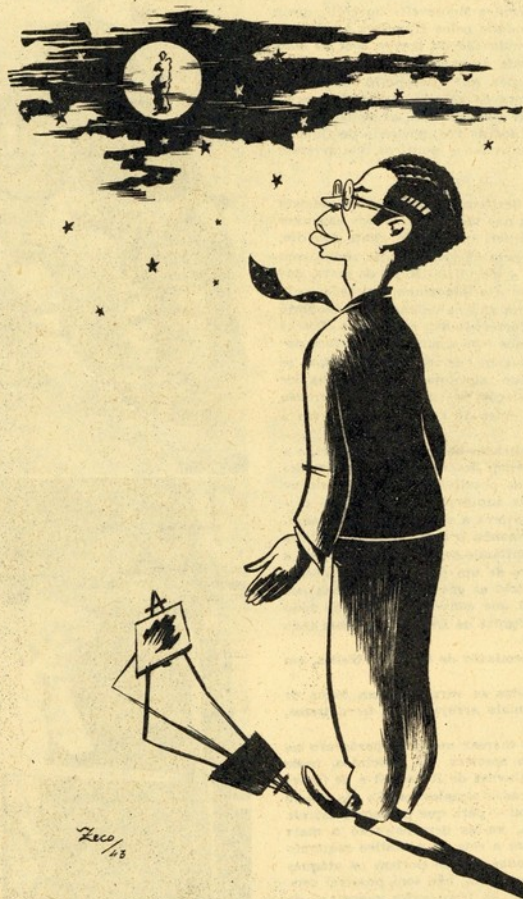
PUMBA!

A última palavra da gíria aristocrática é a palavra *Pumba*. *Pumba* significa uma coisa formidável, estupenda, espampanante. Por exemplo: a «Calçada da Glória» é uma secção *Pumba*!

MANEIRAS DE DIZER

TRANSCREVEMOS dum semanário do norte: «...tendo alguns indivíduos... em sinal de regozijo, dado alguns foguetes do ar...»
O verbo *dar* aqui fica, na verdade, a estalar.

O Pintor DUARTE DE ALMEIDA



*Pinta, pinta, pinta, pinta,
Pinta, pinta, pinta, pinta,
Pinta, pinta, pinta, pinta,
Pinta, pinta, pinta, pinta,*

*Pinta, pinta, pinta bem,
Pinta sempre, sempre pinta,
E pinta como ninguém
Com pincel e muita tinta,*

*Pinta aqui e pinta ali
Em toda a parte faz pintas
Olha p'ra nós, a sorri
«E está-se sempre nas tintas»...*

VERSOS

NA praça de toiros da Feira de Palhavá encontram-se à entrada estes versos significativos:

Espontâneos! Capitalistas!
Gente brava, afixionada:
Saibam todos que à marrada
É que se fazem artistas!

ABREVIATURAS

—VEJA lá se adivinha o que quer dizer A. S. M. M. P. N. S. C. D. E.? — dizia-nos, há dias, Cardoso Marta.

E, como não adivinhássemos, Marta explicou-nos:

— Isto li eu num jornal estremenense e quer dizer: Associação de Socorros Mútuos Monte Pio de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais de Estremoz...

É preciso fôlego!

TEATROS

ESTIVERAM, há dias, reunidos no escritório de José Loureiro, alguns elementos preponderantes de teatro. Além de José Loureiro, lembramos ter visto António de Macedo, Lourenço Rodrigues, Erico Braga, Rosa Mateus e Mário Pedro. Que se irá seguir a esta conferência

MALHÔA E O DISCIPULO

CORRIGINDO um quadro dum seu discípulo, dizia Malhòa: — Não está mau. A cara é que me parece pouco natural...

Logo o discípulo:
— Não admira. Ainda não tem verniz!

A SORTE

ANÍBAL Nazaré, festejado autor de muitas peças de êxito, andava, uma noite destas, na Feira Popular, joagando em todas as barracas de rifas. Ao que nos consta foi pouco feliz ao jôgo — mas na vida raramente se tem sorte em tudo!

MOSTO

TEMOS um amigo que, desde que soube que o mosto de uva podia substituir o açúcar, nunca mais deixou de deitar um bago no café...

ÓCULOS

É pasmosa a quantidade de gente que anda de óculos escuros. Não seria preferível, nesta hora sombria que o mundo atravessa, que andassem de óculos cõr de rosa?

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

MANHÃ DE SOL:

Isabel Maria

A MAIS JOVEM COMPOSITORA PORTUGUESA!



Coeelho—uma experiência consagrada pelo teatro—ficou encantado com a arte da sobrinha. Fez-lhe uns versos. Jaime Silva escreveu a música. E o êxito estava garantido. Quando foi apresentada diante do público, o tio sofreu—como nunca sofrera, quando apresentava as suas peças. É que o fracasso punha em jôgo o seu prestígio de homem de teatro, de bom entendedor de música...

Mas que seria dos grandes lances da vida, se não houvesse coragem para enfrentar os fracassos? Era preciso teimar, vencer o medo e a descrença da família. Insistiu e tinha razão. Quando a orquestra rompeu—houve um frêmito de entusiasmo pela assistência. E quando a canção terminou, uma ovação abafou os últimos compassos.

Pereira Coelho, nos bastidores com a sobrinha, foi abraçado. E o público, no teatro, cantava o «refrains», inebriado de alegria:

«Mas rompe o dia,
—Ai que alegria!—
como é bonito
o sol bendito!»

A canção «Luz do Sol» foi trisada. E, daí a pouco, pelo teatro, toda a gente ficou sabendo que era duma criança aquela canção tão linda...

★ ★ ★

Resta dizer agora que Isabel Maria Ducla Soares Mousinho de Almeida, é sobrinha do escritor teatral, coronel Pereira Coelho. Vive em casa d'êste ilustre homem de teatro, desde novinha. Com seu tio correu os bastidores dos teatros, conheceu os artistas, os ensaios e a vida dos palcos. Em casa cantava de cor os êxitos que o tio tinha assinado: o «Fado do Trinta e Um», o «Maria Vitória» e «Adeus e a Saudade». O teatro era uma tradição que vinha do tio, com muitos êxitos a provar a classe da sua arte teatral. Isabel Maria conheceu agora o seu, que é o primeiro. Foi uma estreia auspiciosa, que logo correu fama por Lisboa inteira. Os seus créditos não podem ficar por aqui. Outros se seguirão, o público o exige agora que tomou conta da sua arte.

Isabel Maria, porém, não se preocupa só com o piano. Anda de bicicleta, estrada fora, como uma atleta. Agora mesmo, vinha ela de um passeio. O rosto moreno, levemente afogado, tinha um clarão de saúde. Não, então muito senhores do nosso papel de repórter, nem reparámos no ridículo da pergunta *academizada*:

—Como pensou em fazer música para o teatro?

Isabel Maria abriu muito os olhos, a pensar, se calhar no que era afinal uma entrevista...

—Eu não pensei nada! O meu querido tio é que me meteu nestas andanças! Agora cá estou...

—Tem mais alguma canção?

—Tenho outra já com os versos feitos! E ainda hoje de manhã improvisei qualquer coisa para o dia dos meus anos!

—Não se esqueça das melodias?

—Esqueço-me! Muitas vezes já não sei por onde comecê. Outras, porém, ficam-me na memória.

Isabel Maria senta-se ao piano. Perfeitamente, executa uma melodia lenta, que lembra um tango. Sente-se que há nela qualquer coisa, que é mais que vocação.

—Depois do estudo em que gosta de passar o seu tempo?

—Lendo historietas, brincando com as bonecas. Sei também nadar e patinar. Gosto imenso do «mah-jong», e o meu melhor espectáculo é o teatro de fantoches!

★ ★ ★

Agora que as casas de música começam a disputar a sua canção «Luz do Sol» para a espalhar pelo país inteiro, esta garota de 14 anos, albeia ao triunfo, pensa nos seus divertimentos: as bonecas, os patins, a bicicleta, as historietas...

Quando nos afastamos, lembra-nos Ramon de Campo Amor: «Si yo sepiesea escribirs»...

Sim, também ela, se já soubesse escrever música!... Seja como for: a sua canção foi o primeiro degrau subido de uma escada que pode bem terminar à porta da glória— a porta que se transpõe, está claro...

MANUEL MARTINHO

4 MESES DE PIANO, O LICEU... E AS BONECAS

○ público todas as noites a aplaude. A sua música viva, dum colorido melodioso, de processos simples e efeitos seguros, pôs já Lisboa inteira a cantar pelas ruas. A «Luz do Sol» foi um triunfo. E o público, sempre curioso, quis saber quem era essa inspirada compositora que fazia canções, tão suaves... e de toda a gente.

Isabel Maria é uma garota. Tem catorze anos, usa ainda o vestidinho de xadrez por cima dos joelhos. E não a julguem uma menina triste, de olhos sombrios, precocemente envelhecida com o desejo de matraquear o piano na ânsia de brilhar, de fazer figura. Nada disso. Isabel Maria é jovial, tem o sãido de quem se levanta cedo e faz ginástica. Dá gosto ouvi-la, despreocupada, alegre como os pássaros que saltitam num bom dia alvissareiro sobre os ramos das árvores da sua rua, e a acariciar a cabeleira das suas bonecas enquanto, em surdina, as embala com uma canção improvisada, pela sua fantasia engenhosa. Tem todo o ar de criança feliz. Há quatro meses começou a aprender piano. No liceu, onde é aplicada, vai no 4.º ano. Matriculou-se, também nos Institutos Francês e Italiano—e começa agora a aprender inglês. Mal se sentou diante do piano, os seus dedos, movidos por estranha inspiração, correram as escalas, à procura de qualquer cousa que fosse mais do que aquêle maçador soffejo repizador.

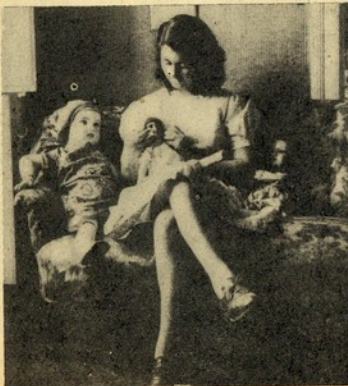
A família zangou-se, naturalmente: assim, não aprenda nada. Era preciso estudar, afinadamente. Mas Isabel Maria, todas as tardes, ao piano, arranjava novas melodias: Preguntavam-lhe: «onde aprendeste isso?» E ela, dando uma gargalhada, alegre e jovial, só sabia dizer: «nem sei! isto arranjei agora...» Pequenas canções, melodias cheias de ritmo, sobretudo uma música rica de simplicidade, harmonia satisfável como ela, era essa a que se desprendia dos seus dedos.

Um dia, o inevitável deu-se: O tio chegou a casa. Pé-ante-pé, foi à sala-nha de música. Isabel Maria, inclinada sobre o piano, batia forte nas teclas. Era uma canção suave, perpassada de lirismo mas donde ressaltava uma alegria que era uma esteia de esperança na vida.

TEATRO, PRO-TRADIÇÃO, BICICLETA E HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS!

- Que música é essa, Isabel Maria?
- Uma coisa que improvisei! Gosto muito...
- Toca outra vez...

A pequena artista voltou a executá-la. Era uma canção melodiosa, duma simplicidade tocante, que entrava, pelo ritmo suave, logo no ouvido. Pereira



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

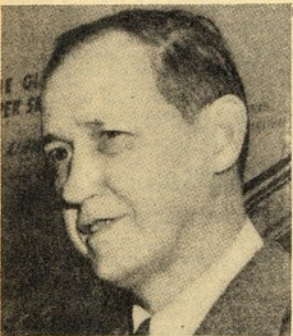
* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXI - A participação americana

5

A VIAGEM DO SR. CHURCHILL

No dia 19 de Junho de 1942, os jornais ingleses recebiam de Downing Street um comunicado redigido nos seguintes termos: «O Primeiro Ministro, acompanhado pelos generais Sir Alan Brooke, chefe do Estado-Maior Imperial e Hastings Ismay, seu conselheiro para os assuntos militares, encontra-se nos Estados Unidos onde conferenciará com o Presidente Roosevelt. O laconismo do comunicado não



Harry Hopkins, que fez, então, um discurso, enumerando as dificuldades da abertura de uma segunda frente europeia.

ocultava a natureza das conversações que iam realizar-se do outro lado do Atlântico. Os assuntos militares tinham nelas uma preferência evidente. Não seriam tratados assuntos políticos. Esse facto era claramente denunciado pela pequena comitiva que acompanhava o sr. Churchill. Tanto o general Alan Brooke como o seu camarada Ismay, cujo nome ainda não alcançara a celebridade, eram conhecidos por terem a confiança pessoal do Primeiro Ministro, estando invariavelmente de acordo com as suas idéias estratégicas.

Acontecia que o Primeiro Ministro era, simultaneamente, o ministro da Defesa Nacional, e acontecia mais que, nesta conflagração, como na anterior, sempre revelara uma propensão manifestada para se ocupar dos problemas militares que se relacionavam com a condução da guerra. Na conflagração de 1914-18, como se sabe, o sr. Churchill dirigia igualmente um Departamento por onde corriam os mais importantes assuntos dessa natureza. Como Primeiro Lord do Almirantado (ministro da Marinha), tomara a iniciativa de aconselhar e preparar o plano de desembarque aliado nos Dardanelos, o qual se liquidou por um revés de graves consequências. Nas «Memórias», que publicou depois de terminado o conflito, o sr. Churchill justifica a sua acção, nessa emergência particularmente delicada, e diz as razões que impediram que o plano da sua autoria fosse coroado de êxito, mais por insuficiência na execução do que por falta de base

de fundamento na sua elaboração dos actos que se seguiram a esta. O episódio dos Dardanelos teve uma influência decisiva na sua carreira política e contribuiu para que estivesse afastado do poder durante alguns anos, só voltando a entrar para o governo pela mão do seu correligionário e amigo sr. Lloyd George, como ministro das Munições dois anos depois de se ter demitido, em consequência do incidente dos Dardanelos.

O PRIMEIRO MINISTRO EM WASHINGTON

O seu terceiro encontro com o Presidente dos Estados Unidos era, evidentemente, determinado pelo propósito de acertar os planos militares dos dois países depois de terem sido acertados os planos que entre eles se haviam estabelecido para regular os assuntos relativos à produção e à distribuição do material e dos equipamentos de guerra. A presença exclusiva de dois militares, e de dois militares de categoria dos generais Sir Alan Brooke e Sir Hastings Ismay, bastava para documentar essa idéia.

A gravidade da situação para os Aliados, longe de ter diminuído, aumentara em proporções imprevisíveis. As ofensivas desencadeadas pelas potências signatárias do pacto tripartido eram conduzidas com êxito nos vários teatros de operações, e esse êxito pronunciava-se e acentuava-se com o decurso do tempo. O ímpeto da ofensiva nipônica no Pacífico não estava quebrado, longe disso. Embora os americanos tivessem travado com êxito os primeiros combates aero-navais com as forças japonesas depois do desastre de Pearl Harbour, a gravidade da ameaça nipônica, que impedia simultaneamente sobre a Austrália e sobre a Índia, estava longe de desaparecer.

Na Europa e na África, a situação piorara para os Aliados também de maneira sensível. A ofensiva alemã na Rússia desencadeara-se com uma violência enorme, e os ataques tinham tomado conta rapidamente da quase totalidade da península da Crimeia, onde apenas a resistência da praça forte de Sebastopol exercia uma função retardadora que não impedia o avanço do adversário, limitando-se a demora-lo. Em África o marechal Rommel caminhava rapidamente no sentido do vale do Nilo e ameaçava o bastião de Tobruk. Foi quando se encontrava em Washington que o Primeiro Ministro recebeu a notícia da queda desta cidade em condições que constituíram para ele, segundo as suas próprias afirmações, uma dolorosa surpresa. Compreende-se e justifica-se assim, plenamente, a necessidade de conversações militares urgentes que pudessem contribuir para modificar, na medida do possível, o curso pouco favorável dos acontecimentos.

O COMUNICADO OFICIAL

Soubes-se que o sr. Churchill, logo após a sua chegada aos Estados Unidos se reuniu com o Presidente Roosevelt num local desconhecido, e que as primeiras conversações, que decorreram no meio dum segredo impenetrável, se prolongaram durante três dias. Com o sr. Churchill encontravam-se as personalidades militares que o haviam acompanhado. Com

o Presidente dos Estados Unidos estavam, igualmente, os seus conselheiros militares, e entre eles o general George Marshall.

No dia 22, foi publicado pela Casa Branca o comunicado oficial do encontro, que dizia: «O Presidente e o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha vão continuar em Washington as conversações iniciadas na sexta-feira, em seguida à chegada do sr. Churchill. O objectivo em vista é a concentração rápida do poder aliado contra o inimigo comum, devendo rever-se, na parte que for considerada necessária, as medidas que tinham sido concertadas entre ambos para sustentar e desenvolver o esforço de guerra das Nações Unidas. É naturalmente impossível dar um relato pormenorizado da natureza e dos principais aspectos das discussões em curso, e não devem ser consideradas quaisquer informações prestadas sobre o assunto que não tenham um rigoroso carácter oficial. Um grande número de pormenores que seria difícil regular por correspondência ficou assente no decurso das conversações que estão a realizar-se aqui.

O comunicado não era muito explícito. Mas a falta de clareza justificava-se, amplamente, com a gravidade da situação e com o segredo inevitável que era necessário estabelecer em volta dos planos que possivelmente se houvessem estabelecido. Mas era evidente que os projectos feitos durante a visita do sr. Churchill, em Janeiro, tinham sido profundamente revistos à luz das novas realidades militares e em grande parte substituídos por outros mais práticos e, certamente, mais oportunos.

O PEDIDO DA SEGUNDA FRENTE

Foi quando o sr. Churchill se encontrava em Washington que, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, se desencadeou, na imprensa e nos meios parlamentares dos dois países, uma campanha activa a favor da criação duma segunda frente. Esta expressão, que depois veio a ter um significado importante para o desenvolvimento ulterior dos acontecimentos, tanto políticos como militares entre as Nações Unidas, reflectia as dificuldades crescentes que os russos

sentiam perante o poder da ofensiva alemã na frente leste.

Em que consistia a segunda frente, pedida tanto por uma parte da opinião pública da Grã-Bretanha como por uma fracção valiosa dos meios políticos e parlamentares de Washington? A falta de um campo de batalha no ocidente europeu fazia com que o peso da Wehrmacht se fiesse sentir, na sua quase totalidade, sobre os exércitos russos. Esse peso era representado, segundo os cálculos mais insuspeitos, por duzentas divisões de primeira linha, às quais devia acrescentar-se o peso de algumas dezenas de divisões dos aliados do Reich que cooperavam com este país na luta contra os soviets: Roménia, Hungria, Finlândia, Eslováquia, além das divisões italianas que tinham sido enviadas para aquela frente.

Mas o plano da criação duma segunda frente de batalha na Europa implicava a realização duma operação prévia de desembarque em qualquer ponto da costa ocidental da Europa, única que nesse momento se encontrava ameaçada pois os Aliados dispunham apenas, para esse efeito, da plataforma britânica. Só uma tentativa de desembarque nas costas da França ocupada ou da Noruega seria capaz de dar viabilidade a um projecto dessa natureza. E os alemães haviam devotado um cuidado particular à fortificação das costas ameaçadas, construindo nelas obras militares de importância e guarnecendo-as devidamente. Como se isso não bastasse, tinham enviado para França um dos seus melhores chefes militares conhecido pela sua aptidão excepcional para a realização duma táctica defensiva eficaz, o marechal von Rundstedt.

DECLARAÇÕES DO SR. HOPKINS

O episódio de Dieppe, a que se fará referência noutro capítulo deste trabalho, tinha demonstrado exuberantemente a impossibilidade prática de tentar, com êxito, uma operação dessa natureza nas costas da França. Uma tentativa de desembarque nas costas da Noruega, mesmo que porventura fosse coroada de êxito inicial, não poderia ser levada muito longe, pois as tropas que ali desembarcassem não tardariam a ficar isoladas e, de qual-



Na sua viagem a Washington, o Primeiro Ministro Churchill fala aos americanos e ingleses, no palácio da embaixada britânica, sobre os motivos da sua visita e as conclusões dos seus trabalhos com Roosevelt.

quer maneira, ficariam impossibilitadas de se transferir para o centro do continente.

Falando nessa altura em Washing-



ton, o sr. Harry Hopkins, que reflectia invariavelmente o pensamento do Presidente dos Estados Unidos, referiu-se largamente à campanha feita nos dois países para a criação imediata da segunda frente na Europa demonstrando a sua utilidade e os perigos que o seu desenvolvimento fazia correr à unidade nacional tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos. «Estou cansado de ouvir pedir, declarou o sr. Hopkins, aos ingleses que se batam. A verdade é que eles se têm batido, até agora, contra obstáculos que pareciam à primeira vista impossíveis de vencer e têm conseguido realizar a sua missão. Por mim devo declarar que anseio por ver chegar o dia em que os nossos soldados possam bater-se ao lado dos britânicos cuja tenacidade muito aprecio.»

No seu discurso, o sr. Hopkins aludiu largamente à situação na frente leste não ocultando a gravidade do que ali se passava e dizendo que, se viesse a verificar-se o colapso da resistência soviética, isso equivaleria a um desastre que prolongaria a guerra de muitos meses. Por último referiu-se à importância da produção americana afirmando a sua convicção de que esta seria, em última análise, o factor determinante do curso da guerra e do seu desenlace. O discurso era essencialmente um aviso aos realizadores da campanha da segunda frente significando-lhes que essa campanha não alteraria os planos assentes pelos Estados Maiores anglo-americanos os quais excitavam, naturalmente, a possibilidade da criação imediata duma segunda frente na Europa. É certo que o pacto anglo-soviético, que fôra recentemente assinado (26 de Maio), e a respeito do qual o Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, sr. Eden fizera, um discurso na sessão da Câmara dos Comuns de 13 de Junho, era seguido duma declaração comum anglo-russa qual se dizia que, até final de 1942, seria criada uma segunda frente no continente. Mas as realidades de ordem militar e as perspectivas que então se apresentavam aos dirigentes das Nações Unidas não eram de molde a dar uma verosimilhança excessiva à promessa que esse compromisso representava.

PASTA MEDICINAL
Couto
Evita as doenças da boca

O PACIFICO E O EXTREMO ORIENTE

Nas conversações realizadas em Washington foram largamente tratados também os problemas relativos ao Extremo Oriente e ao Pacifico. Não oferece hoje dúvidas, depois das declarações e das revelações publicas feitas pelos dois homens de Estado que nelas tomaram parte, que foi no decurso dessas conferências que se estabeleceram as linhas gerais da estratégia que depois veio a ser aplicada nos vários teatros de operações pelo bloco anglo-americano. Essa estratégia pode resumir-se nas seguintes palavras: o teatro de operações europeu era considerado o principal teatro da guerra e as potências europeias do Eixo consideradas como o inimigo mais poderoso e aquêle contra o qual se tornava, portanto, necessário conjugar imediatamente todos os esforços. O teatro de operações do Extremo Oriente e do Pacifico seria um teatro de operações defensivo onde os Aliados se limitariam a concentrar apenas os recursos necessários para deter o impeto ofensivo dos japoneses estabilizando a situação, à espera de que os acontecimentos na Europa viessem a registar uma transformação favorável.

O sr. Churchill e o Presidente Roosevelt tiveram para esse efeito, importantes conferências com o embaixador da China em Washington, sr. T. V. Soong. Essas conferências visavam a dar ao diplomata chinês a garantia de que o seu país, que já se encontrava em guerra com o Japão há cinco anos e vira fecharem-se sucessivamente todas as vias que realbeciam os seus exércitos, receberia auxílio oportuno mas que esse auxílio, de momento, não poderia ser-lhe fornecido nas proporções exigidas pela importância da luta que elle vinha sustentando. A continuação da resistência chinesa era um factor indispensável aos planos de guerra dos Aliados que faziam os esforços neces-



sários para que ela se mantivesse. Os chineses tinham, em mais duma ocasião e sobretudo depois do encerramento definitivo da estrada da Birmânia na Primavera daquele ano, manifestado o seu descontentamento pelo tratamento que era aplicado ao teatro de operações extremo-oriental o qual se traduzia por sacrificios que começavam a revelar-se inimportáveis para sua capacidade de resistência. Os Aliados, por outro lado, não ignoravam que no dia em que o pilar chinês aluisse, libertando as divisões nipônicas que se encontravam na China as quais segundo os melhores cálculos totalizavam um milhão de homens, os países signatários do pacto tripartido se encontrariam em condições de realizar uma estratégia coordenada de coligação a qual resultaria automaticamente dum ataque nipónico na India, pela penetração até ao Médio Oriente, ou duma ofensiva contra a Sibéria Oriental que obrigaria os exércitos a dispersarem os seus recursos tornando inevitável a sua derrota na Europa.

Tornou-se também público que, antes da sua retirada, o sr. Churchill tratara largamente com o Presidente dos Estados Unidos os problemas relativos à tonelagem de marinha mercante. O volume dos afundamentos no Atlantico aumentava incessantemente e a campanha submarina atingia proporções que não haviam sido atingidas na conflagração anterior. Os meses de Abril a Junho haviam sido, sob esse ponto de vista, particularmente severos.

O REGRESSO A LONDRES

O sr. Churchill regressou a Londres no dia 27 de Junho. Nesse dia foi publicada na capital britânica a seguinte declaração conjunta anglo-americana, a qual resumia o sentido e as conclusões das conversações de Washington:

«A semana de conferências entre o Presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha abrangeu o conjunto dos problemas relacionados com a condução da guerra, por parte das Nações Unidas, em todos os continentes e em todos os oceanos.

Tomámos conhecimento exacto de todas as vantagens como de todas as desvantagens actuais que rodeiam a nossa acção. Não diminuímos a importância da tarefa que temos na nossa frente. As nossas conferências realizaram-se com o conhecimento perfeito do poder e dos recursos dos



nossos inimigos. Quanto à produção de material e munições de todas as espécies o exame a que procedemos levou-nos a conclusões optimistas. O que saiu das nossas fábricas, durante o mês passado, não é ainda o máximo mas aproxima-se sensivelmente do máximo.

Por causa da extensão dos teatros da guerra, que se estendem a todo o mundo, o transporte das nossas forças e do material que lhes é necessário constitue o problema capital que

mos de enfrentar. Enquanto a guerra submarina por parte do Eixo,

Confie no
VINHO DO PORTO
COM O
SELO DE GARANTIA
DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

constitue um factor de prejuizo considerável, a produção dos nossos es-aleiros aumenta agora mensalmente. É de esperar que, com as medidas agora encaradas, a construção naval comece a exceder o volume dos afundamentos.

Nunca as Nações Unidas realizaram, como actualmente, um accordo tão perfeito sobre o caminho a seguir na condução da guerra. Reconhecemos a importância da resistência russa e da resistência chinesa. Foram assentes os pormenores do auxilio que será necessário prestar à China.

Embora os nossos planos, por motivos que são óbvios, não possam ser revelados, nas conferências de Washington assentámos com os nossos conselheiros militares na melhor forma de distrair, para outro ponto, uma parte das forças alemãs que actualmente se encontram na Rússia. O Primeiro Ministro e o Presidente encontraram-se duas vezes anteriormente em Agosto e em Dezembro de 1941. Nenhum deles tem dúvidas de que, no seu conjunto, a situação se apresenta agora mais favorável do que quando esses encontros se realizaram.

(Continua)

PAPYRUS
PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

A venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854

Vida MUNDIAL
Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJ.	CENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)	
3 meses (13 números).....	13500	6 meses (26 números).....	40500
6 " (26 ").....	26500	12 " (52 ").....	80500
12 " (52 ").....	25500	ESTRANGEIRO (sem convenção)	
AFRICA PORTUGUESA		6 meses (26 números).....	47500
12 meses (52 números).....	68500	12 " (52 ").....	94500

Major-General JAMES DOOLITTLE,
uma figura de grande destaque da aviação
norte-americana e que, presente-
mente, se encontra ao serviço das Nações
Unidas na Europa.

(Caricatura de Santana)



FRAQUEZAS DA HUMANIDADE

O ÓPIO

esse terrível mal...

O ópio, motivo de controvérsias, no respeitante a processos de ataque ao seu comércio, mantém prerrogativas na Índia e em todo o Oriente. A Grã-Bretanha, como signatária de acordos internacionais, contra o comércio ilícito de ópio — Portugal também aderiu a esses acordos — dentro de um princípio absolutamente admissível, resolveu combater, de modo racional, o veneno de velhas e modernas civilizações. De facto, nada mais aviltante do que o espectáculo dos homens vencidos pelo tóxico, até ao embrutecimento.

Sobre as populações indígenas — não falemos das vítimas europeias e americanas — da Ásia, os efeitos do ópio têm servido muitos interesses mesquinhos da política e do dinheiro, e especulações de toda a ordem.

Até que ponto a política repressiva do comércio dos estupefacientes poderia frutificar entre os povos? A experiência diz-nos que, na maioria dos casos, o

combate gradual e sistemático nos conduz a vitórias definitivas.

Uma comissão de hindus e ingleses, destinada a estudar os melhores processos de combate aos estupefacientes, concluiu que uma multidão de crianças de menos de três anos estava terrivelmente intoxicada.

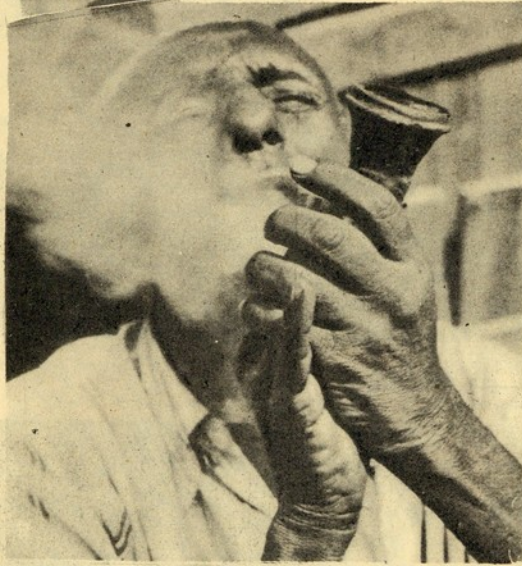
Como acabar, portanto, com os horrores do ópio, nomeadamente na Ásia?

Os governos promovem palestras, conferências, fazem circular cartazes e prospectos de propaganda anti-ópio. Mas o fruto proibido é o mais apetecido. Entre populações em que a tradição do veneno tem milénios, que reacções produziria um ataque coersivo e violento? Se se proibisse aos árabes, japoneses, chineses, malaios ou hindus o uso do ópio — uma droga que se torna indispensável, quando o vício domina o indivíduo até o aniquilar — não se favoreceria o comércio ilícito, impossível de controlar em países de organização social deficiente?

Supõe-se que, um dos processos mais eficientes e que está já a ser aplicado em alguns países, reside, precisamente, no encerramento de todos os estabelecimentos, por motivo de morte dos seus proprietários e, ainda, negando-se autorização para que outras lojas de venda sejam instaladas.

O homem, porém, é fraco com os seus vícios. Até que se consiga banir do oriental o uso do estupefaciente — quanta luta, quanta dor!...

1) O ópio, como se sabe, é extraição da dormideira, uma flor que se cultiva no mundo inteiro. É largamente empregada nas indústrias químicas e farmacêuticas. Apesar das convenções internacionais, destinadas a combater o seu emprego fora das indústrias autorizadas, o ópio é empregado como estupefaciente em quasi todos os países asiáticos pelas populações indígenas, que o absorvem em estado líquido ou em forma de tabaco que fumam. — 2) Os estudos feitos na Pérsia e na China pela Comissão de Luta contra os Estupefacientes revelaram que, ainda hoje, as mulheres indígenas são as melhores clientes deste comércio de pastilhas de ópio. — 3) Os anamitas legaram à China o uso revoltante do ópio. — 4) Este árabe acaba de comprar as preciosas folhas de dormideira. Uma felicidade efêmera o vai dominar — e arruinar lentamente — enquanto experimenta os horrores dos efeitos do ópio.



ALLÔ! ALLÔ!

Milú

manda-nos as primeiras
fotos de vedeta internacional!



Milú e Antonio Casal, famoso galã espanhol e seu primeiro par fora das telas de Lisboa, num cena de «Doce Luas de Mel»

«VIDA Mundial Ilustrada» publica hoje as primeiras fotografias de Milú, em cenas do filme espanhol «Doce Luas de Mel», de que é protagonista. A estas horas, as filmagens já devem ter acabado e Milú prepara-se, por certo, para regressar a Lisboa, onde a espera «A Menina da Rádio», que Artur Duarte vai realizar, sobre um argumento que, até certo ponto, se inspira na carreira da nossa simpática vedeta.

A notar, antes de mais nada, a felicíssima «maquillage» de Milú, na sua nova encarnação, «maquillage» que lhe dá, como alguém muito bem notou, o aspecto físico duma autêntica vedeta internacional. Milú não perdeu a sua personalidade, mas, nas mãos dos técnicos-caracterizadores espanhóis, a sua face como que adquiriu uma nova luz, que a torna ainda mais bela e mais atraente.

Milú está encantada com a sua estadia no país vizinho. Madrid deslumbrou-a pela sua grandeza. Mas Barcelona, vizinha do mar, apaixonou-a. A simpática vedeta do cinema e da rádio tem sido acarinhada pela imprensa, pelos artistas e pelos técnicos da «Kinéfon», em cujos estúdios trabalhou. Ladislav Vajda, o cineasta húngaro, que dirige «Doce Luas de Mel», no dia em que Milú filmou o primeiro plano — por sinal extenso e difícil — veio abraçá-la, entusiasmado com a forma como ela se houvera, falando uma língua que lhe não era familiar e vencendo o natural nervosismo dos primeiros momentos.

Milú continua a receber inúmeras propostas para interpretar novos filmes. No entanto, não se decidirá, enquanto não interpretar a «Menina da Rádio». Depois, é natural que volte a Espanha. O próprio Florian Rey, que realizou quasi todos os filmes de Imperio Argentina, está ansioso por fazer um filme com Milú, tais as possibilidades que antevê para a nossa atrizinha.

E depois de Espanha, um dia — quem sabe!? — Hollywood... Demos tempo ao tempo... e esperemos. O talento de Milú, o conjunto das suas invulgares qualidades artísticas, justificam todos os sonhos — e tôdas as esperanças.



Os dois «noivos» ouvem do realizador húngaro Ladislav Vajda, as últimas indicações para a filmagem de um plano Milú, Raul Cancio e Maria Campoy noutra cena do mesmo filme. Ao volante, de costas, António Casal



actualidades GRÁFICAS

1) Atingiu desusadas proporções o incêndio manifestado, a 27 do último mês, nas instalações da Fábrica de Cerâmica Lusitana. Damos um aspecto do estado em que ficou o edifício, vendo-se muitos operários da fábrica na remoção dos escombros. Ultimamente, por motivos que talvez não tenham sido ainda suficientemente esclarecidos — mas a que as causas do calor não devem de todo ser estranhas — os incêndios no país têm atingido proporções que bem podem considerar-se excepcionais entre nós.

2) O sr. ministro do Chile fêz, há dias, conforme foi largamente noticiado, a entrega de credenciais ao sr. Presidente da República, revestindo-se a cerimónia do brilho habitual. Vemos, na foto, ao centro, saindo do Palácio de Belém, o ilustre diplomata cercado de elementos da sua comitiva e de funcionários superiores do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

3) O sr. engenheiro Couto dos Santos, que há dez anos superiorment administra os C. T. T. foi, por esse motivo, alvo de uma significativa homenagem, presidida pelo sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações. Ao sr. eng.º Couto dos Santos ofereceram os funcionários dos C. T. T. as insígnias de ouro do grau de grande oficial da Ordem de Cristo com que o Governo acabou de o distinguir.

4 e 5) Como se disse, a festa nacional da Hungria revestiu-se, em Lisboa, de expressivo sentido patriótico e de confraternização. Nas duas fotos juntas, mostramos dois aspectos da recepção que o sr. ministro deu no palácio da legação à colónia do seu país residente em Lisboa. O dia nacional da Hungria é consagrado a Santo Estêvão, primeiro rei e santo daquele país.





Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
9.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	20.30	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s		WGEA	25.3 m. 11847 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WDL	30.8 m. 9750 kc/s
	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s	00.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s
17.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

As músicas preferidas... a qualquer hora



Só com uma gramofona COLUMBIA V. Ex. poderá ouvir sempre, a qualquer hora e em qualquer ponto onde se encontre — no campo, nas praias, na cidade — as músicas da sua predilecção. É um tango argentino, a canção do último filme, uma rumba, um fox, ou um trecho de ópera, a música que deseja ouvir, agora, neste mesmo momento? Meta o respectivo disco na sua gramofona COLUMBIA, aperte-lhe a agulha do diafragma e pronto. Os sons brotarão imediatamente, puros, nítidos, cristalinos. Ouça uma COLUMBIA nos



ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO Rua Nova do Almada, 97 LISBOA

PETROLEO CLIPER'S COM IODO
O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao Iodo que o produto contém

Nem um só cabelo!

CLIPER'S
FRASCO 20 ESCUDOS

Remete-se a cobrança Pedidos aos distribuidores
LORENÇO FERREIRA DIAS, R. Flores, PORTO — COSTA, PINTO & SANTOS, R. S. NICOLAU, 56, LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 79

VERTICAIS: 1 — Sam; Argel; Dom; 2 — Ovar; Bar; Cera. 3 — Migas; Somar. 4 — Zás; Poh; Lar. 5 — Leóá; Elól. 6 — Rua; Prata; Sal. 7 — AF; Sáltrapa; Mí. 8 — Vde; Cúis; Mas. 9 — Soar; Roda. 10 — A ti; Aaa; Ore. 11 — Créta; Anais. 12 — Rev; Lua; Auto. 13 — Ema; Dálta; Sór.

Não há nódoas teimosas...

... desde que contra elas se empregue este magnífico produto:

CASULO

Limpa-fatos que faz desaparecer radicalmente as nódoas mais renitentes, e também o lustro dos fatos

QUEIRA EXPERIMENTAR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 78

HORIZONTAIS: 1 — Som; Cravo; Cré. 2 — Aviz; Uro; Arém. 3 — Magala; Estéva. 4 — Rase; Oli. 5 — Opaca. 6 — Ra; Partira; La. 7 — Gébo; Ara; Azul. 8 — Er; Hetaira; Ai. 9 — Lapsa. 10 — Colo; Dona. 11 — Demais; Maraus. 12 — Qrar; Ama; Elto. 13 — Mar; Elisa; Sór.

Ex. mas **Senhoras**
Antes de partirem para férias visitem os lindos modelos de **VESTIDOS, CASACOS E "LIGIERES"**
Expostos nos salões de **LUCINDA & INEZ, L. da**
R. D. Estefânia, 117, 1.º

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrând (Irmãos), L.º — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

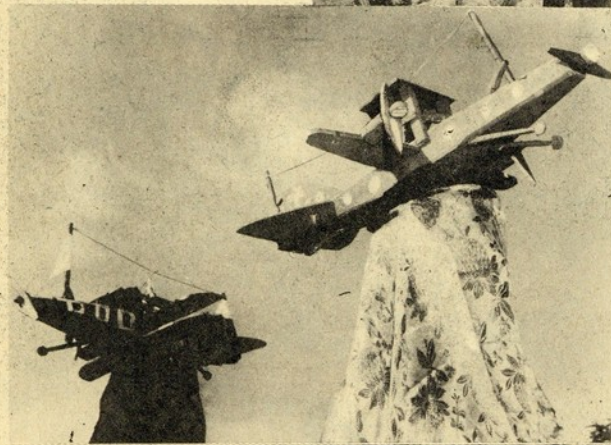
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SINAL DOS TEMPOS...

A inspiração vem do ar...

O leitor que se ponha a olhar para estas fotos, por mais que procure, não é capaz de descobrir o que elas significam. Pois aí vai, à maneira de legenda, a chave desta incógnita: trata-se de indígenas da África Central. O negro encontrou na guerra que os europeus levaram para o seu pacífico continente, motivos de danças guerreiras. Bem se pode dizer, parafraseando o título daquele já célebre livro «O pânico vem do ar» — que a inspiração vem do mesmo para os negros africanos. A permanente passagem de aviões sob o céu tropical inspirou aos feiticeiros esta dança guerreira, com que conseguem assustar os espíritos malignos. Na cabeça — a imitação de um avião. Restos de tecido que o vento leva, arrebatados aos prisioneiros de guerra, servem de túnica estranha. Depois do bailado, com os espíritos maus já em fuga, o feiticeiro corre a meter-se num «tank» que não sabe guiar mas que, simbolicamente, deve andar mais do que o próprio mau espírito.

Como se vê, a guerra começa a instaurar costumes pacíficos e a dar frutos de progresso... entre os negros.



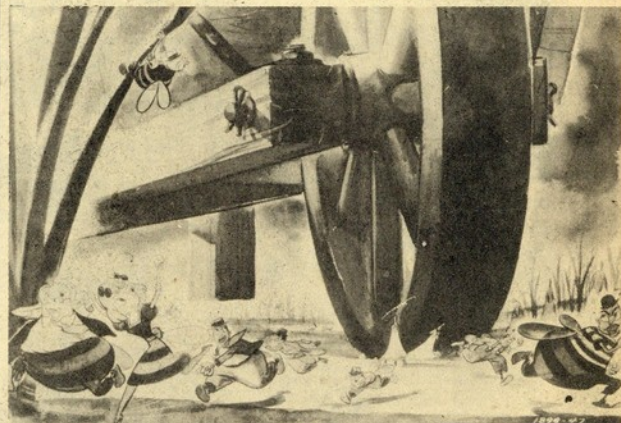
OS SENTIMENTOS HUMANOS NA BICHARADA DOS DESENHOS ANIMADOS

NÃO dava um capítulo mas um tratado, um volumoso tratado, o estudo das expressões e sentimentos humanos, traduzidos pela bicharada que povoa os desenhos animados. Neste prisma da cinematografia, atingiu-se o símbolo com o sr. Grilo de *Pinocchio*. E, quando se consegue chegar a essa concretização, a obra torna-se completa, transforma-se o transcendente em palpável. A alegria e a tristeza, o amor e o ódio, a ternura e a raiva, a bravura e o pavor, a vaidade e a resignação, a leviandade e a firmeza de ânimo, todo o arco-íris de psicologias e sentimentos que afastam ou aproximam a espécie humana, toma novas formas no cão, no gato, no pato, na rã, na libélula, no mosquito, no caracol, sobre os quadradinhos de celuloide que os estúdios atiram para o mundo, e que são o espelho de nós todos. Com efeito, todos nós temos sido figurantes dos filmes «zoológicos» de Walt Disney e de Max Fleischer. A imaginação dos criadores expande-se hoje em plena liberdade. Dominada a técnica, o desenho concretiza o pensamento. O impulso criador não pára em busca de situações novas, mas os actores são os mesmos desde o princípio, cheio de hesitações, até ao *Moinho Solitário* e ao *Pinocchio*.

A ânsia do novo, do original, conduziu às abstrações assombrosas de *Fantasia*, mas que na tradução em figura e em som não podem constituir uma generalidade e são antes uma concretização visual de sensações puramente pessoais.

O que fica em definitivo, o que as camadas populares atingem e o que as encanta, é aquela «humanidade» dos animais — não me queiram mal pelo paradoxo — que Rabier preludeu e que os estúdios norte-americanos divulgaram. O povo não gosta do transcendente. Aquelas libélulas que fogem espavoridas ante a roda do carro que avança como um pesadelo e que as esmaga se as colhe; o peão aguçado que rodopia sobre a obesidade dum insecto, enquanto os outros exprimem o horror; tudo isso em que o espectador está reproduzido nos seus sentimentos, nas suas idéias, e que se vinca em traços por vezes caricaturais, é o que fica na nossa recordação, o que perdura, o que penetra a nossa sensibilidade e lá deixa a sua dedada.

ARLETE LOPES NAVARRO





Passou ontem, 31 de Agosto, mais um aniversário da Rainha Guilbermina da Holanda. Na foto, que foi tirada no Canadá, onde reside a princesa herdeira, Juliana, vemos-a com as netinhas: princesas Irene, Beatriz e Margarida Francisca.